MONTEIRO LOBATO

A Onda Verde

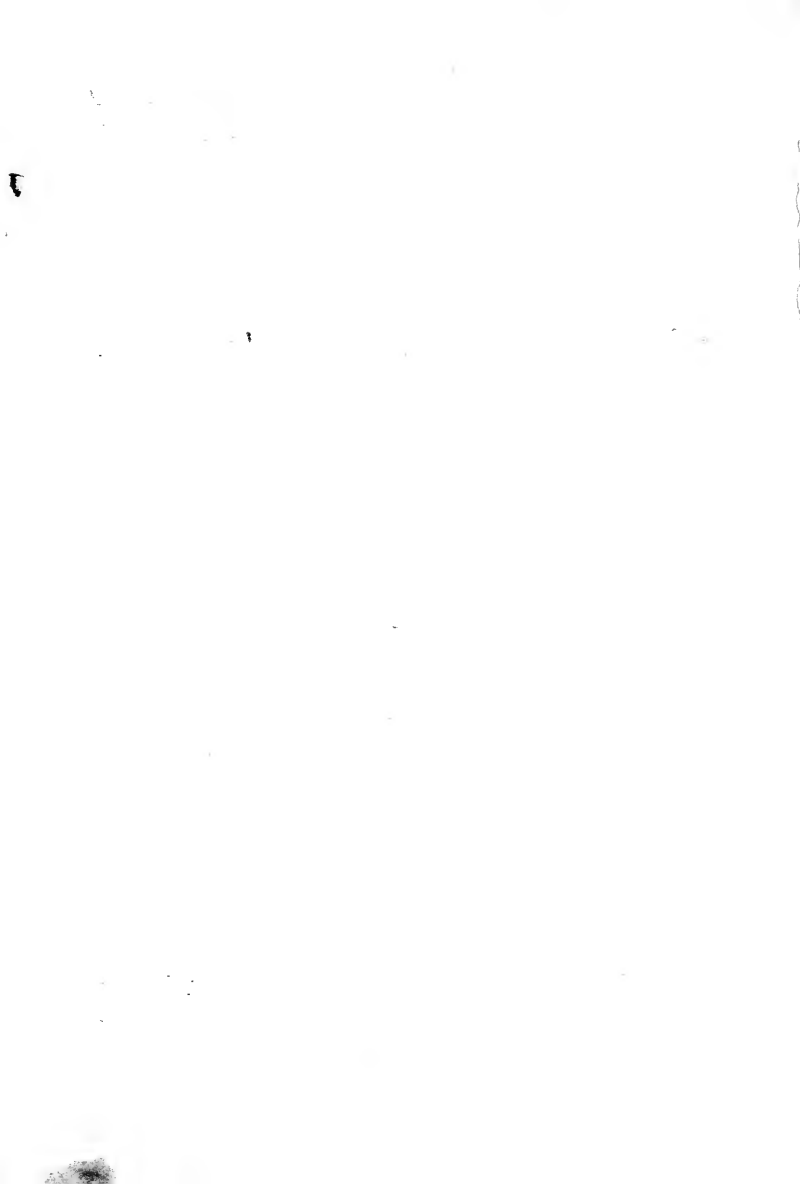
SEGUNDA EDIÇÃO

DO MESMO AUTOR:

URUPÊS — Contos.
IDÉAS DE JÉCA TATÚ — Critica.
CIDADES MORTAS — Contos e impressões.
NEGRINHA — Contos.
PROBLEMA VITAL — Hygiene e sociologia.
NARIZINHO ARREBITADO — Phantasia.
FABULAS — Phantasia.

MONTEIRO LOBATO

A Onda Verde

MONTEIRO LOBATO & CIA., EDITORES
RUA GUSMÕES, 70 — SÃO PAULO — 1922

A ONDA VERDE

QUEM viaja pelos sertões do noroéste paulista se vê empolgado pelo espectaculo maravilhoso da preamar do café. A onda verde nasceu humilima em terras fluminenses. Tomou vulto, desbordou para São Paulo e aqui, fraldejando a Mantiqueira, veiu morrer, detida pela frialdade do clima, á orilha da Paulicéa.

Mas não parou. Transpoz o baixadão geento e foi espraiar-se em Campinas.

Ahi começa mestre Café a perceber que estava em casa. Corredor de mundo, viajante exotico vindo d'Arabia ou d'Africa, provára pelo caminho todos os massapés e sondára todos os climas. Franzia o nariz, porém. Veiu sorrir alli, ao pisar esse Oasis do Rubidio que é o Oéste paulista, onde arranchou de vez, para sempre, em *sua* casa.

Repete-se, então, o movimento bandeirante de

outróra. Attráe o homem aventureiro, não mais o ouro dissimulado em pepitas no seio da terra, mas o ouro annual das bagas vermelhas que se derriçam em balaios.

A região era todo um mattaréo virgem de majestosa belleza.

Rasgara-o a facão o bandeirante antigo, por meio de picadas; o bandeirante moderno, machado ao hombro e facho incendiario nas mãos, vinha agora, não penetral-o, mas destruil-o.

Almas fechadas ao contemplativismo, nunca lhes amollentou o pulso a belleza augusta dos jequitibás de frondes sussurrantes como o oceano, nem o vulto grave das perobeiras millenarias.

Sua ambição feroz preferia á belleza da desordem natural a belleza alinhada da arvore que dá ouro. Só esta forma de belleza tem amavios capazes de enlevar a alma fria do paulista. Para ver estadeada ante os olhos a *sua* belleza—cousa nova no mundo e creação genuinamente local — derrubou, roçou e queimou a maravilhosa vestimenta verde do oasis. Desfez, em decennios,

a obra prima que a natureza vinha compondo desde a infancia da terra.

Confessemos: um espectaculo vale o outro.

Nada mais soberbo — e nada desculpa tanto o orgulho paulista — do que o mar de cafeeiros em linha, postos em substituição da floresta nativa.

E' de enfunar o peito a impressão de quem pela primeira vez navega sobre o oceano verde-escuro. Horas a fio, num *pullman* da Paulista ou num carro da Mogyana, a cortar um cafezal só — milhões e milhões de pés que ondulam por morro e valle até se perderem no horizonte, confundidos com o céo... Um cafezal só, que não acaba mais, sem outras soluções de continuidade além do casario das fazendas e dos pastos circumjacentes... Para quem necessita revitalizar as energias murchas e esmaltar-se de indestructivel fé no futuro, nada melhor do que um *raid* pelo mar interno da Rubiacea.

Mas a arvore do ouro só o produz á custa

do sangue da terra. E' exuberante na producção da baga vermelha, mas insaciavel de humus..

Polvo com milhões de tentaculos, o Café rola sobre a matta e a sovérte.

Nada o sacia.

Já comeu as zonas uberrimas de Ribeirão Preto, Jahú, São Manuel, Araraquara, os pedaços de ouro de São Paulo, e agora afunda os dentes na carne virgem, tresuante de seiva, do Paraná e de Matto Grosso.

Nada lhe detem a offensiva irresistivel.

Não a paralysam geadas monstruosas como a de 1918; nem a inepcia dos governos — que chegou a barrar-lhe o caminho com a cerquinha de taquára de uma prohibição de plantio; nem as taxas e sobretaxas excessivas; nem os impostos de saída; nem a jogatina de Santos; nem a mentalidade altista do fazendeiro.

Caminha sempre.

Tank monstruoso, vivo mas inconsciente, cégo mas instinctivo, lá róla hoje, rumo noroéste, para deante, sempre para deante...

O café é uma epopéa.

Quando nossa literatura largar o cházinho que beberica no Alvear e comprehender a sua verdadeira missão, a epopéa, a tragedia, o drama e a comedia do café serão os grandes themas de quantos sentirem em si a fagulha divina. Hoje, coitadinha, está ella tão entretida com o seu chá das cinco, com os rodopios em torno das saias das meninas hystericas, com a cintura dos almofadinhas, com as escorrencias mercuriaes que o francez nos exporta que é bom, mesmo, não se metta a estragar com mãos de mico o grande thema.

Que folego é mister!

Que amplitude de visão, que dureza d'alma, que sobrehumana coragem para vêr, sentir e contar a historia da Onda Verde que digere as florestas virgens!

Os aspectos antigos — o eito de negros tocado a bacalhão, e os aspectos modernos — a bravura do italiano, encardido de oxydo de ferro. As

hostes de sertanejos, os mais rijos do Brasil, que descem, pelo inverno, dos socavões da Bahia, de machado ás costas e uma furia de destruição nos musculos. O duello entre esses heróes de dentes apontados a faca e a selva bruta. O machado que canta no róseo das perobas. A foice que risca a miuçalha vegetal. A queimada, depois... E depois o sertanejo que volta á querencia, com o dinheiro no lenço, e pago — pago e repago da faina com o espectaculo fulgurante da queimada que levam impresso na retina para todo o sempre.

Elles destróem, mas não sabem construir. Entra em scena, para construir, o colono e começa o drama da formação: quatro annos de enxada no pulso, de corrida paciente atrás de um matto que "corre atrás da gente". A victoria, afinal, a florada nivea — quando não, como em 1918, uma florada prematura de neve...

O assumpto arrasta. Voltemos atrás.

A penetração do café nas terras novas escreve capitulos curiosissimos, oscillantes entre o tragico e o comico.

Faz-se por bem ou por mal — quasi sempre por mal.

O primeiro passo é a creação da propriedade de titulo liquido. Sem esta base, não póde surgir a fazenda, que é uma empreza de vulto, onde se interessam fortes capitaes. A propriedade crêa-se hoje, como outróra, pela conquista do mais forte, pela espoliação levada a cabo pelo mais audacioso, pelo mais despido de escrupulos.

Um homem timido e perfeitamente moral, chega ao sertão e não tópa brécha onde pôr pé. Encontra-o deserto, mas apossado. Não vê gente, mas esbarra donos. Se quer comprar ninguem lhe vende. Ninguem lhe arrenda. Ninguem lhe aluga. Os detentores, zelosos de uma posse tradicional de paes a filhos, não querem visinhos que lhes perturbem a paz do latifundio. E o homem moral volta para trás, desanimado.

Mas surge o grilleiro e tudo se transforma. Terras paradas, terras inexpugnaveis á cultura, que velhos barbaças detêm aos milheiros de al-

queires para tirar dellas um prato de feijão e uns porquinhos de céva, e que vêm vindo assim de avós a netos, e que permaneceriam assim toda a vida; terras devolutas, que a inercia do Estado conserva a monte, sem saber por quê nem para quê; terras legitimamente, legalmente "apropietariadas" — nada disso é obstaculo á solercia do grilleiro. Elle, ao partir para o sertão, deixou em casa, na gaveta, os escrupulos da consciencia. Vem firme, vem "feito" como um gavião. Opéra as maiores falcatrúas; falsifica firmas, papeis, sellos; falsifica rios e montanhas; falsifica arvores e marcos; falsifica juizes e cartorios; falsifica o fiel da balança de Themis; falsifica o céo, a terra e as aguas; falsifica Deus e o Diabo. Mas vence. E por arte dessa obra-prima de malabarismo, espoliando posseiros ou donos, firmados na gazúa da lei, os grilleiros expellem das terras, num estupendo parigato, todos os barbas ralas que alli vivejam parasitariamente, tentando resistir ao arranque da civilização.

Divididas as glebas em lotes, vendem-nas os

grilleiros á legião de colonos que os seguem como urubús — pelo cheiro da carniça. E o grillo, si foi bem feito, é inexpugnavel e provoca admiração, e si foi mal feito fracassa e é apupado pelos embahidos.

Num sertão modorrento, quando a presença de um advogado ou agrimensor esperta os velhos moradores, á uma voz elles murmuram — e si não o murmuram sentem-no lá dentro das tripas:

— O nosso tempo acabou-se...

E acaba, de feito. Acaba o marasmo da terra porque o grilleiro é o precursor da Onda Verde. O seu *cri-cri* annuncia a approximação do *tank*. Cinco, dez annos depois, a flôr do café branqueia a zona e a incorpora ao patrimonio da riqueza nacional.

O peregrino espirito de Assis Chateaubriand já explanou em traços geraes, mas incisivos, esta funcção social e civilizadora do grillo. Definiu-o a arte de tirar o direito do nada. E' isso. E' a victoria da gazúa do mais forte.

— Mas é uma gazúa! Abre as portas do sertão mas é uma chave falsa!... diz a moral.

Responde o café:

— Minha fome está acima da moral, e eu só conheço as leis do meu appetite.

Ha fomes sympathicas, não resta duvida...

O "GRILLO"

INSISTENTE nas palestras como certas moscas em dia de calor, é, nas regiões da Noroéste, a palavra "grillo". "Grillo" e seus derivados, "grilleiro", "engrillar", em accepção muito diversa da que devem ter entre os nipponicos, onde grilleiros engrillam grillos em gaiolinhas como se faz aqui ao sabiá, ao canario, ao pintasilgo e mais passarinhos tolos que morrem pela garganta.

Em certas zonas chega a ser obsessão. Todo o mundo fala em terras "engrilladas" e commenta feitos de "grilleiros" famosos.

E agora que o "grillo" penetrou na arte, e vae perpetuar-se em marmore e bronze no monumento Ximenes, vem a talho um apanhado geral sobre a conspicua instituição, viveiro onde se fermenta a aristocracia dinheirosa de amanhã.

As velhas fidalguias de Europa entroncam no banditismo dos cruzados. Ter na linhagem um facinora encoscorado de ferro, que saqueou, queimou, violou, matou á larga no Oriente, é o maior padrão de gloria de um marquez de França. Ter entre os avós um "grilleiro" de hoje vae ser o orgulho supremo dos nossos millionarios futuros. Matarás, roubarás, são os mandamentos de alto bordo do decalogo humano, eternos e irreductiveis, que a ingenua lei de Moysés tentou inverter, antepondo-lhes um innocuo "não".

"Grillo" é uma propriedade territorial legalizada por meio de um titulo falso; "grilleiro" é o advogado ou "aguia" qualquer manipulador de "grillos'; terras "grillentas" ou "engrilladas", as que têm maromba de alchimia forense no titulo.

Como este acridio proliferou na Noroéste mais do que o permitte o coefficiente toleravel da patota humana, as conversas resentem-se alli de accentuado locustismo.

— Vou comprar terras no "grillo" do doutor Honestino dos Anjos.

— Não cáias nessa! O Honestino é um "grilleiro" sujo. Qualquer dia escangalham-lhe com a patota. "Grillo" de primeirissima, que dá gosto, é o da Ponte Preta! Esse, sim...

Porque ha "grillos" geniaes, obra de Cagliostros encarnados nos Lobões desovados pelo "venerando mosteiro"; e os ha ineptos, mancos, fabricados ahi por sapateiros de Themis, "curiosos" da trampolinagem sem dedo para a coisa. Aquelles gosam de toda a consideração social devida á obra dos *meneurs* de vistas largas, ao passo que a estes os cobre o povo de irrisão.

— Alli vae o senador Ponte Preta, um "grilleiro" macóta!

— E que me dizes de Beltrano?

— Um sujo! Borrou-se com aquelle "grillinho" indecente da Pedra Azul e anda agora a tentar um outro mais inepto ainda. E' um crime deixar a policia, soltos pelas ruas, typos dessa ordem...

— Não tem a pinta!...

— E' isso.

O "grilleiro" é um alchimista. Envelhece papeis, resuscita sellos do Imperio, inventa guias de impostos, crea genealogias, ensina a escrever a velhos urumbevas que morreram analphabetos, embaça juizes, suborna escrivães e, novo Jehovah, tira a terra do nada. Seu laboratorio lembra as espeluncas dos Faustos medievos; mais pratico, porém, não alchimiza alli a pedra philosophal ou o elixir da longa vida. Cagliostro virou rabula: manipula a propriedade.

Envelhecer um titulo falso, "enverdadeiral-o", é toda uma sciencia. Mas conseguem-no. Dão-lhe a côr, o tom, o cheiro da velhice, e fazem-no muitas vezes mais authentico do que os reaes. Expõem-no ao fumeiro, a tal distancia da fumaça conforme o gráu de ancianidade requerido, e conseguem assim a gamma inteira dos amarellidos, segredo até aqui de Chronos.

Emquanto o papel se defuma, fazem-lhe aspersões sabias, que lhe dêem a rugosidade peculiar ás celluloses d'antanho.

Finalmente, para impregnal-o do cheirinho, do "bouquet" dos decennios, passeiam-no a cavallo, mettido entre o baixeiro e a carona...

E mais coisas fazem que os leigos não pescam, e que constituem o segredo do "ponto de bala".

Tudo isso, ás vezes, falha. Veste o lobo a pelle da velhice, mas fica com o rabo da mocidade de fóra.

Conta-se de um, superiormente engenhado, que falliu por artes de um raio de sol. O documento engrillado era perfeito, sem cochilo minimo por onde o advogado contrario, preposto a destramar a marosca, pudesse levantar a perdiz. Por mais que virasse e revirasse o papel, e analysasse a letra, e cotejasse os dizeres, e cheirasse, e apalpasse, não atinava com o calcanhar de Achilles. Já com dôr de cabeça ia pôr de parte o "grillo", quando Apollo intervêm. Um raio de sol entra pela janella e dá de chapa contra o titulo. Áquella subita e intensa illuminação o perito poude vislumbrar as letras d'agua com que a fabrica

marcára o papel. E lá estava a *estrella da Republica*, nesse documento do *seculo dezesete*...

Ao trabalhinho de laboratorio alliam-se, ao ar livre, os actos annexos e complementares — violencias, suborno, incendio de cartorios, sumiço de autos.

Porque o "grillo" é proteiforme, e para completar-se sóbe até á optica, subornando os theodolitos dos engenheiros.

Que prodigios opera neste campo! O primeiro é substituir a corrente, o podometro, o theodolito, a trigonometria e o mais por um instrumento só de alta engenhosidade: o olhometro.

Só o olhometro merece fé aos "grilleiros", esse apparelho maravilhoso, de criação nossa, e já muito usado pelos governos em estudos estatisticos.

Por intermedio delle mudam-se os cursos dos rios, passa-se um affluente da margem esquerda para a direita, cream-se cachoeiras em sitios onde o nivel é manso, e operam-se quantas mais revoluções geographicas se fazem mistér á patota.

Um "grilleiro" possue o nome de um rio que a natureza esqueceu de crear; se consegue localizal-o, o "grillo" sahirá de primeirissima. E lá vae elle, com o rio ás costas, em procura de collocação...

A outro fazia grande conta uma cachoeira em tal ponto de certas divisas. O homem não pestaneja: constróe a cachoeira.

Ha intervenção judiciaria. Na vistoria chamam para perito o morador mais antigo das redondezas. O caboclo chega, defronta-se com a cachoeira phantastica e abre a bocca. Cincoenta annos que vive alli, conhecedor da zona como a palma da mão — como é que nunca viu aquelle "poder d'agua", barulhento e espumoso? Mas desconfia e, entrando na agua, desfaz com dois pontapés a Paulo Affonso de mentira, que lá rola, aguas abaixo, transformada em tranqueira de galhaça, paulama e cipós... Era "grillo"!...

O "grillo" come nas terras apossadas pelos caboclos mal apetrechados contra os percevejos da lei, tanto quanto nas terras devolutas que, en-

grilladas a N., S., L., e O., derreten-se como torrão de assucar n'agua.

Calcula uma autoridade no assumpto em tres milhões de alqueires a área das terras "engrilladas" na Noroéste. E esses milhões caminham para quatro, visto como agora a industria do "grillo" interessa os altos paredros da politica, verdadeiras piranhas em materia de voracidade.

Não ha exagero no calculo de tres milhões, sabendo-se que ha "grillos" de 200, 300 e 500 mil alqueires — territorios equivalentes á metade da Belgica, quasi á Saxonia, e tamanhos como os antigos ducados e principados allemães!...

Verdade seja que estes grillos são os grillos-mães, os 420 da especie.

Um existe de 480 mil alqueires — o rei da "clan" — notavel, não só pelo tamanho, como pela perfeição da sua genese.

E' o "record-cricket", e merece publicidade para lição de quantos querem enriquecer depressa, mas andam ahi a malbaratar o engenho com patotinhas vagabundas.

Baseado em titulo authentico, que lhe dava dominio sobre uns tres mil alqueires, resolve um "aguia" engrillal-o. Amadurecido o plano estrategico, requer, um dia, copia dos autos onde vinha a partilha da gleba em questão, delimitada de um lado nestes termos; "... e *dahi, em linha recta de duas leguas, até encontrar o rio tal*".

Ao chegar neste ponto, o escrevente do cartório, que tirava a copia, *soffreu uma allucinação optica* e escreveu "vinte e duas" onde rezava "duas". Mesmo fóra das bebedeiras é commum esta visão dupla das coisas, que ha de ter em medicina um nome grego... Concluida a copia, vae ella ao juiz para os sacramentos. Juiz, promotor e collector subscrevem-na, depois de lançado o "conferido e concertado" do estylo. Mas nenhum delles conferiu nem concertou coisa nenhuma, de accordo com a mais louvavel das praxes, porque é preciso ter confiança no escrivão, que diabo! E, dest'arte, o grilleiro entrou na posse d'uns autos tão authenticos perante a lei como os originaes.

Intervallo de quinze minutos.

Um advogado surge e pede vista dos autos originaes. Obtem-na e leva para casa o calhamaço.

Terceiro quadro: o grilleiro denuncia esse advogado como tendo perdido o papelorio. Themis assanha-se e intima o detentor a entregal-o sob as penas da lei: prisão ou reconstrucção dos autos perdidos. O *bachiler*, consternado, allega que de facto os perdeu, e segue para o xadrez como um verdadeiro martyr da urúca. E lá, entre grades, antes de meditar Silvio Pellico e Dostoiewsky, já sente na cabeça o estalo de Archimedes:

— Eureka!...

Lembra-se que em mãos de um amigo existe uma copia *conferida e concertada*, e compromette-se a dal-a em troca do raio do original que o sacy (evidentemente o sacy!...) lhe furtára da gaveta.

Quarto acto: deferimento, soltura, e entrada solenne em cartorio do "grillo" triumphal! Cae o panno. Reaccendem-se as luzes e o grilleiro

de genio entra na posse de 400 e tantos mil alqueires em vez dos miseraveis tres mil primitivos.

E' ou não um rasgo *yankee*, merecedor d'um *film* em oito partes composto pelos *famous players* da *Lasky Corporation?*

E a *Paramount* nos não encommenda entrechos destes!

E' que não nos conhecem os progressos lá fóra; não imaginam o galope do nosso ardego *vorwaerts*.

Galope tão grande que já se reflecte na lingua. Todos os dias o povo crea palavras novas que dêem medida á evolução da esperteza. Para baptismo destes *looping-the-loop* da aviação forense só entre os bichos que voam encontra o povo analogias competentes: aguia, grillo, aguismo.

Mas não basta. Ha necessidade de fórmas novas, combinações estapafurdias, connubios de rapinantes de alta envergadura com ruminantes de pé ultra-ligeiro. Só estas cabriólas vocabulares têm força expressiva no caso.

Ouvimos, uma vez, em roda onde se commentavam estes geniaes malabarismos, cair em crise de enthusiasmo um dos ouvintes. Piscou, faiscou os olhos e improvisou este soberbo jacto de impressionismo zoologico, unica fórma capaz de dizer toda a immensidade da sua admiração:

— Que cabras-aguias!

O "GRILLO" XIMENES

ESTA' na berlinda, a proposito do Monumento da Independencia, um "diz-que-diz-que" que tóca de perto a honorabilidade paulistana.

O caso é este: um dos concurrentes ouviu dizer que nestas plagas tudo se arranja, sendo questão apenas de topete e geito. Fiado nisso, organizou um meticuloso plano de campanha para arrebatar a muque a palma da victoria. Não confiou somente, como o fizeram os demais, nos meritos artisticos da sua obra: poz em jogo os melhores truques da psychologia de ganhar concursos, na qual, dizem, é um genio.

Trouxe cunhas de primeirissima, cartas dos melhores padrinhos europeus, a começar do papa, endereçadas aos paredros paulistanos com voz decisoria no certamen.

Não parou ahi. Anda a presentear com bustos de marmore e bronze, de sua lavra, varios personagens marcantas do nosso alto bordo, capazes de cochichar no ouvido da Themis que vae decidir do concurso as palavrinhas magicas da victoria.

Não esqueceu, por exemplo, o presidente do Estado, nem, para maior reforço, pessoa que lhe é cara. Não esqueceu o poderoso deputado-poeta que entre nós exerce a funcção mimosa de embaixador de Apollo, Minerva e Mercurio junto ao Thesouro Paulista.

Nem esqueceu nenhum dos mimosos ageitadores de negocios, susceptiveis de ternura ante a sua desinteressadissima amabilidade.

Isto é publico e notorio. Outras combinaçõeszinhas, não publicas nem notorias, fiquem por lá, no segredo dos bastidores. A' nossa these bastam os factos acima, reveladores da intenção de vencer um concurso artistico por meios outros que não as qualidades da obra d'arte apresentada.

— Exaggero! O facto de homenagear com bustos certas pessoas de S. Paulo não quer dizer que...

— Quer. Porque ao organizar a lista dos busteaveis só incluiu nomes de julgadores do concurso, directos ou indirectos, na intenção visivel de puxar brasas para o seu gesso.

O caso é serio, pois. E' desses que despertam os gansos do Capitolio e os põe a grasnar de apito na bocca. Significa, nem mais nem menos, o intuito friamente deliberado de vencer a todo o transe, pela peita de alto cothurno alliada a um fidalgo e artistico suborno.

Errou, todavia, o arguto psychologo. Está proximo o julgamento das maquetas apresentadas e s. s. verificará como mentiram os que na Italia deram como "ageitaveis' os nossos prohomens immaculados.

Outra questão, agora. O seu projecto é tal que possa vencer pela simples força do valor esthetico?

Não nos parece, a nós, publico, nem aos criticos de arte, nem aos artistas esculptores. Inquinam-no defeitos serios, resaltantes á primeira vista, falhas que o collocam em plano inferior ao estupendo trabalho de Nicola Rollo, ao maravilhoso trabalho de Brizzolara é a formosa concepção de Roberto Etzel.

Em primeiro lugar, visa apenas o bonito. Ora, o bonito é inimigo figadal do bello e do grandioso, qualidades essenciaes num monumento desta categoria.

Alem disso é frio. Não diz nada. Não o anima nenhuma idéa, nenhum sopro de genialidade, nem, sequer, um vago fulgor de concepção. Anima-o somente a intenção do bonito. E é realmente bonito. Todas as moças, que visitam a exposição e param deante delle, exclamam, enlevadas:

— Que bellezinha!

Destituido d'uma idéa central, directora, que enfeixe em forte harmonia de conjuncto to-

das as partes, abunda, entretanto, em detalhes vazios de qualquer sentido.

Aquellas esphinges aladas, que querem dizer? que significam em face do monumento historico commemorado? que funcção integradora exercem alli?

E o casal de leões com asas? E o outro casal de leões sem asas? Haverá nada mais chocante que esta mescla disparatada de Egypto, Assyria e Uganda? Porque leões, e não capivaras, por exemplo? Ou antas? Ou zebús? Ou macacos?

Enfeites, simplesmente.

Uma obra d'arte, de qualquer categoria, em qualquer latitude, não ha de ter um detalhe só que não concorra logicamente para o effeito final, que não se integre na unidade da concepção. Tanto é defeito a lacuna como a excrescencia; tanto é falha o que está demais como o que está de menos. E essa "menagèrie" do projecto-Ximenez berra, urra, zurra como a mais ridicula das excrescencias, dizendo bem alto

que está alli sem finalidade nenhuma fóra a de occupar vazios que a fraca inventiva do esculptor não soube de que maneira encher. Enfeites, enfeites apenas.

O mesmo acontece com as quatro gigantescas columnas — candelabros, fincadas nos cantos, como frades de pedra, todas com a classica mulherzinha allegorica no topo, soprando corneta ou segurando corôas.

São espeques que se não fundem no monumento e lhe quebram a significação suprema com o pifio da sua nota utilitaria, illuminativa. Porque motivo esses lampiões "lightiferos' e não quatro chafarizes, ou quatro belvedéres, com elevadores e uma "terrasse" em cima, para o chope?

Falta de inventiva, pobreza de idéas, incapacidade de symbolizar.

Na frente do bloco ergue-se um altar com uma pyra onde chammeja um fogo de bronze, tocado á direita por imaginario vento.

Quando os ventos de verdade soprarem em sentido contrario, que ridicula não será a tei-

mosia dessa chamma sempre inclinada para o mesmo lado!

Pyra! Lembra o Trovador:

Di quella pira
l'orrendo fuoco...

Pyra, altar da patria, fogo sagrado do patriotismo: como soam a conselheiro Acacio esses chavões surradissimos, empifiados inda mais pela presença na sala das estupendas concepções de Rollo. Um artista de talento foge de representar no bronze coisas por essencia instaveis e movediças, como a chamma. Ou então estyliza-as. A esculptura é a arte do repouso, e mesmo quando figura um movimento, toma-o em seus momentos de repouso.

Fugir disto, fixar, por exemplo, a chamma pelo systema do instantaneo photographico, é positivamente cair no ridiculo — impressão que dá a chamma realista da pyra-Ximenez.

O grupo central symboliza uma apotheose *vieux-jeu.* Pauperrima. E' um carro de Roma,

puxado por dois matungos arabes, com uma mulheraça grega dentro, ladeada de uma guarda no calcante. Atrás, na rabada do troly, um indio de tanga, á "highlander". E' Pery, o pobre do Pery como o representam os tenores italianos dos mambembes lyricos.

Este grupo significa o que se quizer. E' a Victoria, o Triumpho, a Independencia, a Democracia, as Artes, a Cavação, apotheose feniana ou allegoria aos Tenentes do Diabo, á vontade.

Dos grupos lateraes um representa a escravidão... O outro fica á mercê da phantasia interpretativa de cada qual.

Mas o *coup de foudre*, a nota 420 do monumento, o lance de psychologia que lhe dará a victoria, o *royal-flush*, é a frisa frontal que plagia em alto relevo o quadro famoso de Pedro Americo.

Bonita, sim senhor — mas não resiste á mais leve analyse.

D. Pedro no centro, a cavallo...

Abra-se um parentesis. Diz a historia que o

principe "montava uma possante besta gateada", e como o esculptor se metteu a fazer reconstituição historica, verista, já começou errando cavallarmente. Feche-se o parentesis.

D. Pedro, no centro na frisa, montado, desfere o grito historico, e pela abertura de sua bocca se vê que já proferiu o "independencia" e está articulando o "ou". Pergunta-se: num momento destes, qual a attitude logica dos ouvintes, unica admissivel?

Resposta universal: a da attenção, a da electrização; todos suspensos, de olhar fixo no principe, galvanizados, á espera da conclusão do grito para romperem em hurrahs delirantes.

Pedro Americo grupou magistralmente as figuras e deu-lhes a unica attitude logica admissivel, tudo por 20 contos.

Ximenes pede 1000 contos mas não unifica a scena. Cada cavalleiro assume attitude á parte, sem nenhuma ligação com o grito. Todos gritam, em vez de ouvir com o acato devido o grito

principesco, e corcoveiam os corceis. Um enrista a espada e faz menção de espetar a caraça de um leão da cimalha. Outro dá com a espada no cavallo, como se fôra chicote. Nenhum attende á voz do imperial senhor.

A' direita expreme-se a triste figura de um caboclo, entalado entre os chifres de certa vacca e a anca d'um cavallo; caboclinho naninguéra, perfeitamente jéca.

No quadro de Pedro Americo ha alli um carreiro, soberbo de movimento e expressão, que passa de largo, espantado com o imprevisto da scena. Na frisa Ximenes o jéca, apesar de mettido entre a chifrada imminente e o coice provavel, traz na cara a expressão da mais completa indifferença pelo principe, pelo grito, pela vacca, pelo cavallo e pelo publico.

No entanto, é linda esta frisa. Não ha menina de escola que lhe não páre defronte e não murmure com enthusiasmo:

— Que galanteza!

Eis o que é a celebre maqueta-Ximenes, na qual haveria ainda muito que escabichar se valesse a pena. Os pequenos enfeites que pullulam aqui e alli; as pyras em forma de fructeiras; um baixo reelvo quasi "art-nouveau", bastante lombricoidal, etc, etc.

Mas não vale a pena. S. Paulo não se deixará embair pelo grande psychologo italiano e não lhe dará a palma da victoria, apesar de todos os bustos arrumados para cima dos detentores de voto. Inda ha muito brio em S. Paulo, vae ver o Sr. Ximenes!...

. . . .

Não obstante...

A LUA CORNEA

MEIO seculo após á descoberta do Brasil, um sabio hollandez, Fabricius, notou a acção negrejante da luz sobre um sal de prata.

As invenções naquella época eram em extremo lentas no evoluir — engatinhavam, andavam de muletas, com estações de desesperantes somneiras pelo caminho.

O facto observado por Fabricius era o primeiro passo da photographia; para chegar ao segundo, porém, ao passo industrial dado com Niepce e Daguerre, foram precisos quasi tres seculos de incubação em numerosos cerebros, alguns superiormente dotados na bossa inventiva, como os de Humphry Davy e Wollaston.

Se resuscitassem hoje, esses precursores, que assombro sentiriam deante das consequencias maravilhosas em que se desabrochou a singela reacção

solar sobre o chloreto de prata — ou *lua cornea*, como lhe chamavam então!

A photographia virou um dos elementos fundamentaes do mundo moderno. Não ha sciencia nem industria que não deva a esse instrumento insubstituivel o melhor dos seus actuaes progressos. O que ella possibilizou não tem conta, como é imprevisivel o muito que ainda traz latente no bojo.

Quando parecia estacionada, tendo dado de si tudo, abrolha da grande arvore um galho novo, imprevisto, aberto numa florescencia de possibilidades que tonteia a imaginação: o cinematographo.

Recentissimo, coisa de hontem, já conquistou o mundo e imprimiu ao andamento do progresso um rythmo novo. Sua influencia amanhã será tão grande como o é hoje a da imprensa. E é possivel, mesmo, que seu destino seja sobrepôr-se á imprensa, subalternizando-a como instrumento de propagação de idéas — a ella e ao livro.

Tanto o jornal como o livro funccionam como vehiculos de imagens cerebraes — mas vehiculos ronceiros, que exigem um elevado indice de cultura no leitor; que exigem tempo, elemento cada vez mais escasso na atropelada vida moderna; e dinheiro — e cada vez mais porque o livro encarece vertiginosamente; e ainda certas disposições de espirito não realizadas com frequencia.

Já o cinema, vehiculo de imagens de muito maior envergadura, pede menos tempo, menos dinheiro, menos cultura e menos disposições mentaes especialissimas. Está, pois, predestinado a bater o livro em uma boa parte dos seus dominios e, quem sabe? a propria imprensa.

Entre nós sua "actuação" é já formidavel e muito mais dilatada que a do livro. Calculando-se para os 700 cinemas existentes no Brasil a média de um espectaculo para 100 espectadores por dia, temos 70.000 pessoas que "lêem" diariamente as novellas cinematographicas dadas á projecção. Pergunta-se: haverá, não digo 70.000,

mas 7.000 novellas impressas, lidas por dia? O movimento de vendas dos livreiros está longe de indicar este algarismo, o que prova o enorme avanço conquistado pela novellistica muda, vista na tela, sobre a novellistica guttenberguiana, lida em livros.

Nos Estados Unidos os algarismos tonteiam. Vinte e cinco milhões de pessoas penetram diariamente no *shadowland*. E' facil imaginar a força prodigiosa d'um instrumento de idéas que se alarga em taes proporções.

A novella popular, pelo systema antigo, quer em folhetins de jornaes, quer em brochuras baratas, *sub especie* Escrich, Ponson & C., está morta entre nós, onde, aliás, nunca teve grande desenvolvimento, graças á barreira inexpugnavel do nosso fantastico analphabetismo. A proporção, nas capitaes e no interior do paiz, entre a novella vista e a novella lida, será, talvez, de uma para mil. E a inclinação da balança, favoravel á "vista", cresce dia a dia.

Só no Estado de S. Paulo existem cerca de

300 salas de leitura dedicadas exclusivamente á novellistica cinematographica. E todas se enchem á noite, ao passo que as salas de leitura *vieux-jeu*, dos gremios literarios, recreativos e dansantes, ou das bibliothecas municipaes, vivem ás moscas. Boceja dentro d'ellas um "tomador de conta", com a cabeça povoada de imagens das Dorothys americanas, ancioso por que anoiteça e possa elle, trancando aquella "jossa", ir regalar-se com a arte mimica da gentilissima Dalton. Ninguem mais surge alli, como outróra, para um serãozinho de Escrich; nem meninas em crise romantica, frechadas por Cupido, mandam pelas crioulinhas buscar um romance "bem amoroso, seu Chico Traça, que tenha uma condessa pallida e um Raul moreno, de olhos bem pretos, como os do meu Lulú..."

As *misses* americanas, ricas de belleza e saúde, senhoras d'uma arte personalissima que não revê o molde dos conservatorios francezes—acrobatas, nadadoras insignes, mestras na arte de dominar, cavalgar, amansar espadaúdos representantes do

sexo forte, empolgam em absoluto a nossa gente masculina. Em casa, vindos da fita, deante das esposas amarellidas, todas nervo e medo ás baratas, elles sonham uma outra vida, mais forte, mais bella, perfumada de lindas mulheres, num paiz de devaneio onde tudo corra na macióta cinematographica.

As meninas, romanticas ou realistas, essas, viraram mysticas, d'um mysticismo novo. Como as d'outróra esposas de Jesus, todas hoje esposaram, mais ou menos, *in mente*, os George Walsh, os Wallace Reid, os William Farnun, essa pleiade de succulentos heroes modernos, magnificamente bellos, esplendidamente fortes. E suspiram de decepção piedosa quando, fóra da tela, os Chiquinhos, Lulús e Pedrocas côr de terra, sem peito, sem hombros, sem musculos, sem belleza, approximam-se para um córte de namoro.

— Amo-te, Julieta! Pede-me a vida, pede-me o impossivel para que eu possa demonstrar a vastidão do meu amor!

— Quero que você, Romeu, faça como o Tom

Mix, naquella noite: apanhe o meu lenço do chão numa galopada de cavallo!...

Romeu cóça a cabeça. Em materia de equitação seu heroismo não vae além de montar eguas mansas, ultra-lerdas, só de andadura.

E as Julietas suspiram...

Até as creanças se fanatizam pelo *shadowland*. Os cinemas do interior reservam-lhes os bancos da frente, com entradas a 200 réis, e ellas alli deliram, torcendo, como no *futebol*, em pról do heroe do dia e applaudindo-o com delirio no momento da victoria.

Tom Mix, William Hart, Eddie Polo, Antonio Moreno e outros *cow-boys* maravilhosos povoam hoje os cerebros infantis, impregnando-os fortemente d'um ideal novo.

Porque o cinema americano renova, resurge a cavallaria andante, dá-lhe fórmas actuaes, logicas e modernas, conservando-lhe, todavia, o espirito.

Hart é o moderno Roldão. Suas proezas excedem ás do valeroso par de França que morreu em Roncesvalhes. No começo, em suas primeiras

fitas, limitava-se a vencer um adversario depois de luta corporal ao vivo, d'um realismo electrizante.

Não bastava isso. Foi além. Passou a vencer dois, tres, dez inimigos. Hoje, Hart vóga em plena phase rolandesca, a phase aurea em que o paladino, enfrentando exercitos de 300.000 mouros e relampagueando a Durindana, fendia craneos aos milheiros, decepava cerce vinte cabeças de reis morenos e punha afinal em desbarato a mourisma inextinguivel.

A ultima fita de William Hart dá a impressão d'um capitulo da "Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França", posto em linguagem e ambiente modernos. Vence elle, sozinho, uma cidade inteira de bandidos — dessas cidades de taboas, improvisadas no Far-West pelo elemento *rascal* da plethora yankee.

Estão todos os habitantes máos da cidade reunidos na tasca do Sheriff, que é o chefe da malta, commentando, entre goles de *gin*, o crime que commetteram, quando se abre a porta e surge

a figura retezada de Hart, com dois revólveres nas mãos, engatilhados. Estarrecimento geral. Assombro. Erguem-se os braços, lentamente. Hart, immovel, géla os bandidos. Seu olhar de féra magnetiza o Sheriff que, vencido, ergue tambem os braços.

Na platéa a creançada delira nas convulsões do enthusiasmo em ponto de faisca electrica.

— E' agora!...

Rolando, na tela, continúa immovel e mantém immobilizada a mourisma de braço ao ar. Subito, num movimento brusco, ergue o revólver para o tecto e "casca" um tiro no lampeão de petroleo. E outro e outro e outro, em todos os belgas da tasca. O imprevisto do lance estarrece a creançada e leva ao apogêo o pavor dos mouros. O petroleo derramado inflamma-se. Labaredas fumarentas tremem pela sala. O rei mouro Abderraman-Sheriff, arrastado pelo desespero, tenta reagir, mas cae varado pela bala mortal de Rolando. Situação horrorosa: ou assados no incendio, im-

moveis de braço ao ar, ou varados pelas balas de Hart, si tentam defender-se...

A creançada inteira está de pé, com arrepios de cabello, numa suprema tensão de nervos.

Mas a fumarada envolveu a scena e o desenlace ficou á mercê da imaginação de cada um.

No ultimo quadro Rolando passa, a galope, com um vulto de mulher á garupa. Salva! Salva!... E some-se, emquanto ao longe a cidade dos bandidos arde inteirinha, num incendio pavoroso...

E' pura cavallaria andante. E' idealismo industrial dos melhores quilates. Ensina a generosidade, a defesa do innocente, o castigo do máo e a força invencivel da boa causa.

Cervantes não matou a cavallaria — matou uma cavallaria. O espirito d'ella persiste e, para honra da humanidade, está mais vivedoiro do que nunca. E está influenciando poderosamente a elaboração da mentalidade do nosso povo, que encontra, afinal, uma escola. Jéca Tatú aprenderá nella a perdoar com generosidade o erro dos

fracos e a punir com dureza o crime dos fortes. E aprenderá ainda a mover-se, a correr, a nadar, a ser homem com H maiusculo em todas as situações da vida.

O Brasil de amanhã não se elabora, pois, aqui. Vem em pelliculas de Los Angeles, enlatado como goiabada. E a dominação "yankee" vae-se operando de maneira agradavel, sem que o assimilado o perceba.

Tudo isso porque, em 1557, um hollandez notou que os raios solares ennegreciam a *lua cornea*...

O INCOMPREHENDIDO

QUATRO annos fez a 12 de outubro que dentre os vivos desappareceu, tragicamente, uma d'essas creaturas d'excepção, notas insubstituiveis da symphonia universal. Sua morte diminuiu d'alguma coisa o mundo. Desafinou-o.

Porque Ricardo Gonçalves era a suprema intelligencia alliada a uma bondade extra-humana, filha da suprema comprehensão.

Poeta e orador, a poesia e a eloquencia attingiram nelle a altura vertiginosa, o zenith onde as cordas estalam. Seu organismo não supportou a vibração exaggerada da alma e caiu, em pleno agraço da vida, como fulminado pelo raio. E, morrendo, contraditou o *les morts vont vite*. Ricardo não se vae, nem depressa, nem devagar. Como luminoso rodantho immarcessivel, sua imagem permanece vivissima na memoria de quantos o

conheceram. O tempo que deslisa e tudo esmaece não tem forças para amortecer o brilho d'essa particula de radio engastada em saudade no coração dos seus amigos.

Do que foi elle como poeta e orador contará ao publico o livro em que se enfeixarem as suas producções. Diga-se aqui, apenas, com um exemplo, da excelsa virtude de sua arte em apprehender o caracter das pessoas e estylizar-lhes o typo.

Era inexcedivel nisto. Sua palestra, já de si uma verdadeira obra d'arte, rica de todos os cambiantes do humorismo sem fel e da observação psychologica de finissimos quilates, daria, reproduzida, capitulos de romance como os melhores de Eça e Maupassant.

Lembro-me de uma, a proposito d'um artista "incomprehendido". Tratava-se d'um pobre pintor, teimoso em impôr-se ao mundo como discipulo de Apelles, apesar de todas as precauções tomadas pela natureza para impedir esse crime, inclusive a de cegal-o d'um olho.

Ricardo visitára-o e de volta, encontrando-me na rua, contou o caso com uma graça impossivel de reproduzir.

— Quando entrei, começou elle, vi-me tonto para cavar um lugarzinho: os quadros avassallavam tudo. Havia-os pelo chão, em pilhas aos cantos, embaixo da cama, pelas paredes. Salvava-se o tecto...

Além de quadros, rolos de tela, bisnagas murchas, pinceis de molho em agua-raz — um perfeito chaos!...

Sentei-me *na* cadeira (só havia uma) e o pintor, após as trivialidades da entrada, abriu-se para commigo, contando toda sua vida de miserias e as mil picuinhas de que tem sido victima.

E' um "incomprehendido" cujas desgraças todas provêm de ser filho "desta cafraria", onde um artista vale menos que qualquer vendeiro de esquina. Ah! Se viera á luz no velho mundo! Lá, sim, ha ambiente para os "temperamentos de escol".

— Olhe, disse abrindo uma folha, cá está a noticia da ultima venda do Drouet: um Dégas, 100.000 frs.; um Corot, 400.000; um Millet, 500.000!... Tres milhões, rendeu o leilão! Isto é que é!... Estimula o trabalho. Exalta a arte. Paga o artista. Mas aqui?... interrompeu-se, com um muxoxo de desprezo.

— Cá estou eu, para exemplo. Tenho quarenta annos, pinto ha trinta e a bem dizer não vendi um só quadro até hoje!

Fiz cara de triplice ponto de admiração, e elle:

— Chamo *vender quadros* receber pela pintura o que ella vale, e não dal-a em troca d'um punhado de nickeis. Por isso affirmo: nunca, jámais, em trinta annos de pintura, vendi um só quadro que fosse! E' incrivel, mas é...

Tomou folego e proseguiu:

— Existe entre nós a phobia da arte. O publico odeia o artista e os criticos, para lisonjear o publico, mettem-lhe o páo.

Na minha ultima exposição fui cruelmente maltratado. A critica escoicinhou á larga e o resultado foi não vender-se coisa nenhuma.

Tenho aqui um caderno de recortes onde colleciono os coices. Tudo reza pela mesma cartilha: o sr. F. tem muito boa vontade, é trabalhador, etc., etc., mas... e lá vêm as asnices, as piadas sobre o desenho, sobre o colorido, sobre os assumptos, sobre a perspectiva e até sobre as molduras. Como se entendessem do riscado, esses cavallos de dois pés!

Tomou um góle mais de folego e:

— Ninguem sabe de arte nesta cafraria, mas todos se mettem a latir opinião. Outro dia expuz este quadro, disse espanejando com o lenço um enorme *Caipira accendendo o cigarro*, e fiquei por alli, sapeando, como Apelles. Chega um, olha e murmura que este pé está inchado...

(Olhei e vi que, de facto, o pé estava inchado.)

— ... que esta perna soffre de erysipela...

(Reflecti com os meus botões que era justa a observação.)

— ... que as côres deste fundo estão vivas em excesso...

(Vivissimas! pensei.)

—... que o nariz da figura está deslocado para a esquerda!

(Achei que se o nariz estivesse um pouquinho mais para a direita...)

— Remordi-me por dentro, mas calei. O criticastro torceu o focinho a mais não sei quê e foi-se. Mal saiu este animal de rabo, chega outro e ri-se. Não me contive. Saí da tocaia e abordei-o: "De que se ri, o amigo?" "Da desproporção entre este tronco e estas pernas", respondeu o insolente. Furioso da vida, disse-lhe vinte desaforos e agarrando o quadro trouxe-o para cá. Ora o senhor, que é um moço de talento e de bom gosto, vae dar-me sua opinião com toda a sinceridade. Que tal acha o meu quadro?

— Optimo! respondi. Um quadrão!...

— E o pé?

— Magnifico!...

— E o nariz, não está direito?

— Mas, muito!...

— E a perna, não está sãzinha?

— Saluberrima!...

— Pois é isso. A mim, de cara, todos dizem o que o senhor está dizendo. Só os zoilos, os murmuradores incontentaveis, amigos de falar pelas costas é que acham defeitos e mettem a ronca.

Pausou um bocado, em contemplação da obra prima. Depois disse, em soliloquio:

— Um pé tão *réussi*... Inchados andam elles, de estupidez...

— Inveja! alvitrei eu.

O incomprehendido apanhou o thema no ar.

— E' isso mesmo, inveja, bem sei. A eterna conspiração contra o talento. Se eu cortejasse ä critica, e a adulasse, e a "comprasse" como fazem os collegas espertalhões... Mas, não! Eu não desço a taes baixezas, porque espero tudo da posteridade. Ella me vingará!...

Emquanto o pintor deblaterava, de olho posto no futuro, eu ia remexendo uma pilha de telas.

Eram retratos de celebridades, Pedro II, Floriano, Custodio, pintados na intenção de seduzir fanaticos. O fanatismo, porém, passou, e os quadros ficaram.

Havia tambem uma galeria de paredros em evidencia, Glycerio, Bernardino, Lins, presidentes passados, presentes ou provaveis. Mas lá iam os heróes caindo no ostracismo, um por um, e os retratos... alli.

Num cavallete vi um esboço de figura onde, com alguma boa vontade, vislumbrei o Hermes, nome indicado na ultima convenção... Apesar d'isso o pintor trovejava:

— Não cortejo a opinião publica. Não bajulo os grandes do dia. Não "cavo"! Detesto o engrossamento e aqui está o meu erro. Neste paiz só vinga o sabujo, o capacho, o pirata. Eu, porém, morrerei na miseria, mas puro!

Louvei-lhe a nobilissima attitude; depois, vendo ao correr do rodapé um rolo de comprimento fóra do commum, indaguei do que era.

O incomprehendido suspirou:

— Contos largos!

Desdobrou o rolo, uma tela immensa, e explicou:

— Só de material tenho aqui paia mais de trezentos mil réis. Vê bem dahi?

— Muito bem, E' um lindo coqueiral! "Interessantissimo"!

O pintor olhou-me de revés.

— Coqueiral, "propriamente", não. E' um cafezal da fazenda de dona Eusapia Neves, a velha millionaria. Levei mezes a pintal-o. Estudei a paisagem *in loco*. Gastei tinta aos kilos. Um trabalhão! Concluida a tela, emmoldurei-a ricamente e remeti-lh'a, certo de que, pelo menos, uns trinta contos a coróca havia de escorropichar.

— Offereceu-lhe apenas quinze...

— Quinze? O senhor não conhece a terra onde vive. Devolveu-me o quadro! Devolveu-m'o allegando que era muito grande, que não tinha paredes para tanto, e tal, e tal. Mentira! A ver-

dade é que os Neves são uns unhas de fome e, em materia de arte, uns zebús!...

Achei razoavel a explicação, devia ser isso mesmo... E o pintor proseguiu:

— Quer ver o amigo até que ponto vae a má vontade da burguezia dinheirosa para com os artistas "serios"? Quando surgiu a moda das vendas por prestações, lembrei-me de applicar o systema á pintura, e organizei um clube de retratos a oleo sem nenhum fito de lucro, aliás, simplesmente a titulo de contribuição para o nosso aperfeiçoamento esthetico. Obtive, com facilidade, cem socios contribuintes. Mensalmente havia um sorteio, e o sorteado tinha direito ao proprio retrato em tamanho natural. Veja a minha abnegação: dar um retrato d'esse vulto por dez, vinte, trinta mil réis! Muito bem. Procede-se ao primeiro sorteio, e tira o premio o dr. Fortunato. Pinto-lhe a caraça. Faço obra limpa, séria, "sentida". Entrego-lh'a. No dia seguinte o retrato volta-me cá. Queria retoques; não achava "parecido"... A eterna incomprehensão dos leigos,

que querem no artista meros reproductores photographicos em vez de interpretes — comprehende? Attendi-o. Retoquei-lhe o focinho. Achou bom; levou-o. Pois não lhe digo nada: dias depois, casualmente, encontro num ferro-velho o dito retrato!... Veja o tartufo! Vender a propria cara! E inda por cumulo o belchior me confessa ter comprado "aquillo" pela moldura, visto que a "careta" não valia o panno...

Esse, o primeiro. O segundo sorteado não quiz retratar-se — por "não ser vaidoso". O terceiro — por "falta de tempo". O quarto — já não me lembra por que. Conclusão: dos cem retratos a pintar só pintei um e esse... cá está, disse puxando do canto uma tela.

— Eil-o!

Conhecido velho do Fortunato, nem por sombras lobriguei na pintura o mais leve traço de parecença. Era "interpretação" das legitimas... Entretanto, gabei-o:

— Está optimo! Muito bem "interpretado"!

Não é a photographia d'elle, mas é elle, psychologicamente falando...

O incomprehendido bebeu-me as palavras e murmurou:

— Nada como lidar com gente entendida e sincera... Ah! se todos tivessem uma comprehensão esthetica assim...

Corei, e para disfarçar disse:

— Mas como voltou este quadro para aqui?

— Comprei-o, olaré! E carissimo. Mal o raio do gatuno do ranheta do ferro-velho percebeu o meu empenho em adquiril-o, entrou a gabar a pintura, a fazer valer a assignatura e não houve abater um real nos cem mil réis pedidos. Veja o senhor: despender cem mil réis, eu, um pobretão, para resgatar um filho extraviado! Isto só a mim...

Louvei-lhe pela segunda vez os nobres sentimentos e o pintor, regalando-se:

— Cá commigo é assim. Cada quadro é como um filho. Quando me aparto d'elles... isto é, se me apartasse d'elles seria com dôr de coração.

Nesse ponto sou feliz, porque tenho toda a prole em casa, desde os primeiros ensaios, obra dos onze annos. Admira-se? Sim, senhor, comecei nessa edade, embora aos oito já denunciasse o "pendor esthetico', desenhando, a carvão, nos muros caiados, figuras humanas bem geitosinhas. Aos doze, fazia boizinhos e cavallos que eram uma maravilha. Aos quatorze...

Veiu de anno em anno até áquelle, numa enumeração exhaustiva, e concluiu:

— Vocação — das boas, das incoerciveis !...

Apertei-lhe a mão, commovido.

— E actualmente em que trabalha?

— Nisto, respondeu, exhibindo uma tela incomprehensivel. Veja se gosta. E' uma tentativa feliz de impressionismo, obra arrojada, pura novidade em nosso meio...

Olhei e por mais que olhasse não consegui entender coisa nenhuma. Era um vermelhão berrante com uma coisa oval ao centro.

— Então? perguntou.

— Um pôr do sol, parece-me... Um occaso...

O incomprehendido desfechou uma bella gargalhada.

— E' o meu auto retrato! Estranhou, é natural. O impressionismo requer iniciação e uma especialissima educação da "visionabilidade esthetica". E concluiu, guardando a charada vermelha:

— Isto é nectar para os eleitos !

Concordei, mas receioso de que, após o nectar me apresentasse o homem ambrosia temperada pelo systema dos cubos, fiz gesto de ponto final, tomando o chapéo. O pintor disse então, á laia de resumo:

— Pois é o que o amigo vê. Trabalho, estudo, creio em mim e na minha arte. Nada espero do presente, mas tenho fé no futuro. A posteridade dirá um dia quem tem razão, Homero ou Zoilo. O destino dos verdadeiros artistas é sempre este: ser negado em vida. Veja Rembrand, veja Watteau. E' o imposto que pagam á mediania todos aquelles em cujo cerebro fulgura...

— A scentelha divina, rematei.

— Isso mesmo ! A scen-te-lha di-vi-na ! repetiu pausadamente o incomprehendido, com os olhos vagos postos no horizonte da posteridade...

. . . .

Pobre Ricardo !

VETERANOS DO PARAGUAY

FOI na rua da Palha da cidade de Tres Estrelinhas. (Cada cidadota do interior possue uma "rua da Palha." Vem isso de que nellas existem, ou existiram, ranchos de tropa, galpões de carros de boi, "rapadores" de aluguel. "Rapador"!... A humilde ironia do povo da roça chama assim aos pastos de aluguel de beira de povoado, onde pousam por uma noite tropas e carros em transito. A grama d'esses pastos é uma hypothese só admittida pelo dono d'elles. O alugador não consegue enxergal-a e os animaes alli mettidos passam a noite "rapando" o solo, em busca do "cheiro da raiz da grama"...)

Foi lá que vimos, uma tarde, sentado num mocho de tres pernas, á porta de triste casebre, esse velho cujo cadaver alli passa, na rede, com rumo ao cemiterio. De bruços num porretão de cégo,

attentamente ouvia ler noticias da guerra a um menino descalço, de cócaras á soleira da porta.

Os allemães por esse tempo batiam de obuzes os muros de Namur, e os telegrammas soletrados pelo pequeno diziam respeito a esse feito d'armas.

Finda a leitura, nenhum commentario brotou dos labios do velho, a não ser um nome murmurado em surdina:

— Curupaity...

Farejando soldado do Paraguay, interessamo-nos por elle.

— "E' o Pedro Alfaiate, soldado de 70, disseram-nos. Depois da guerra se fez alfaiate, musico e vendedor de loteria, successivamente, até que cegou e entrou a viver por ahi, ao Deus dará, roendo a meia pataca do soldo."

O velhos são livros vivos, escriptos pela Vida. Nem sempre interessantes, aliás. Uns tornam-se illegiveis, com os melhores capitulos arruinados pela traça da desmemoria. Outros, tediosos, co-

mo os velhos negociantes — livros que não passam de simples borradores. Outros, vazios, resumidos que têm o viver no triptico insulso do — comeu, casou, procreou. Mas um velho guerreiro é sempre um livro interessante, rico de incidentes, pittoresco e, não raro, heroico. Approximamo-nos, pois, do velho soldado e folheamol-o, ao acaso, como a um livro raro em montra de belchior.

— Fui para guerra menino — dezenove annos — mas com um gosto: voluntario de verdade, e não como a maioria dos "voluntarios" que eram pegados a laço; e varei toda a campanha tomando parte em onze batalhas. Estive em Uruguayana e em Aquidaban — os dois extremos. Vi a morte de cara, quantas vezes!... e via-a rentinha de mim em Estero Bellaco, onde, de setecentos que eramos no batalhão, ficamos reduzidos a cincoenta e seis... Formavamos na extrema esquerda argentina, a qual, atacada, fraqueou, de modo que o choque recaiu inteiro sobre nós. Como tenho presente a lucta! Menna

Barretto mandou formar em linha. Formamos, firmes, e quando o inimigo appareceu puzemol-o atarantado com uma descarga terrivel.

Depois:

— Carregar á baioneta!

Carregamos, e que medonha foi a chacina!...

Não ha horror maior do que a guerra. A gente, durante a peleja, vira monstro e perde a qualidade de homem. Matar, matar!... E' um delirio, uma perfeita bebedeira de ferocidade. Para que mentir? Nesse momento matar é uma delicia — matar, matar, matar... Enterrar o ferro agudo na carne viva do parceiro, urrar ao vel-o esguichando sangue e dobrado de dôr, arrancar o ferro da ferida, saltar por cima do ferido que se estorce, atirar-se a outro que vem feito sobre nós, fugir-lhe ao golpe, retrucar, varar-lhe o peito... tudo é cousa de relampagos que só se *vê* depois, mais tarde, no fim da festa, quando a imaginação péga a recompor o quadro.

—?

—O peior? Todos eram peiores, mas creio que o de Lomas Valentinas tirou a palma. Lutamos sete dias para tomar as trincheiras inimigas, sitas num morrote. Eram uma trama horrivel de fossos, boccas de lobo e linhas de abatizes.

—?

— São uma tranqueira tecida de ferros pontudos fincados no chão, páos apuados e galhos d'um espinheiro terrivel que ha muito por lá. Os paraguayos enredavam tudo isso em frente das trincheiras, como dizem que lá fazem na Europa com o arame farpado, tornando assim difficilima e penosissima a approximação. Durante seis dias atacámos sem resultado. Uma das vezes conseguimos alcançar o morro, mas tivemos que rodar para trás, escangalhados. No setimo dia Caxias reuniu todas as forças disponiveis e concentrou o ataque num ponto só. Ahi vencemos.

— ?

— O trabalho da escalada? Nem me fale! Duro de roer. Cada assaltante ia com uma es-

cadinha feita de bambú ou páo roliço, e mais um feixe de galhos, ramos e folhagem, para atulhar os fossos. E ter de fazer isso sob a chuva de balas do inimigo escondido! Um horror!...

Em Itororó... Que pensa que era Itororó? Uma pequena ponte de 4 a 5 metros de largo, sem guardas lateraes, armada sobre um ribeirão. Do outro lado, a cem metros, os paraguayos assentaram a artilharia, de modo a varrel-a a fio comprido. Era forçoso passar. Passamos. Mas que carnificina! Os nossos vacillavam deante d'aquella morte certa e foi preciso que Osorio e Caxias se atirassem á frente, num completo desprezo pela vida. "Quem fôr homem siga-me!" Aquelle arrojo electrizou-nos e passamos. Osorio levou bala, mas Caxias saiu incolume.

Os paraguayos, então, formaram quadrado, com a artilharia ao centro. Osorio dispoz-se a rompel-o. Marchou com a cavallaria, mascarando os canhões; em certo ponto a cavalllaria abriu-se, os canhões despejaram metralha, fazendo uma brecha no quadrado inimigo. Por ella a cavallaria

entrou, como um furacão, destroçando tudo. Terrivel, terrivel!...

Em Pirebebuy foi triste. A villa estava cheia de mulheres e creanças. O conde d'Eu intimou o inimigo a render-se, fazendo-lhe ver que crime era o sacrificio d'aquellas miseras creaturas. Inutil. O paraguayo deixava-se esmagar, mas não cedia a razões. Foram avisados, então, de que o ataque começaria ás seis da manhã.

Rompeu a madrugada. Quatro, cinco, seis horas... O chefe da artilharia veio pedir ordem de fogo.

— Espere mais meia hora, que até lá talvez surja a bandeira branca, disse o generoso principe, protelando a chacina, tanto lhe repugnava o sacrificio de pobres não-combatentes. Mas esgottou-se a meia hora, e nada.

— Espere mais quinze minutos.

Passaram-se mais quinze minutos e nada de bandeira branca. O conde, então, ordenou a abertura do fogo:

— Não ha remedio...

Após uma hora de bombardeio a praça era nossa.

Que horrivel o espectaculo de tantas mulheres e creancinhas estraçalhadas pela metralha! Estou velho e cégo, mas vejo — vejo sempre, o horripilante quadro. Meu Deus que horrorosa coisa a guerra!...

— E a Lynch, conheceu-a?

— Sim. Foi a alma damnada de Lopes, essa ingleza linda, loura, de bello corpo, nem magra nem gorda. Acompanhava-o sempre. Conheci-a porque fiz parte da escolta que a conduziu a Assumpção, para onde seguiu a cavallo, valente amazona que era.

Murmurava-se que a Lynch queria o fim de Lopes para entrar no goso sossegado das riquezas accumuladas. Bem possivel.

Mas, voltando ao conde: era um grande principe! Não permittiu a menor atrocidade. Só dois coroneis foram fuzilados porque sobre elles

pesava a accusação de terem mandado arrancar os olhos a prisioneiros nossos. Depois da tomada de Pirebebuy, agiu com grande largueza, distribuindo roupa e alimento á mulherada rota e faminta — umas tres mil, talvez. As coitadas assombravam-se d'aquillo. Em vez dos horrores esperados, carinho. O inimigo que lhe pintavam crudelissimo, repartindo com ellas suas magras provisões. Foi bonito, foi, foi...

. . . .

Este velho soldado era o verdadeiro typo do heroe humilde, que o é sem o saber. Valente contraste de um outro, nosso conhecido, que interrogado, só se denunciou como o rei dos poltrões.

Fez alguns annos da campanha, mas era incapaz de dar ás suas narrativas uma impressão bellicosa.

— Em Lomas Valentinas, esteve?

— Estive, sim, mas na enfermaria.

— Ferido?

— Não. Uma colica...

— E em Estero Bellaco?

— Tambem na enfermaria.

— Ainda a colica?

— Não. Uma dôr de dente damnada!

— E em Tuyuty?

— Ah, gosei! Assisti á batalha inteira sem arredar pé do meu posto. Vi tudo e posso descrever a coisa como a palminha das mãos.

— Assistiu-a da janella do hospital, com certeza...

— Não. De trás d'um bello cupim...

OS EUCALYPTOS

SE foramos medico e acaso nos surgisse, consultorio a dentro, um cliente nas ultimas, queixoso de gelidez d'alma, ankilose do enthusiasmo, indifferença em gráo nirvanico, scepticismo marca FFF, receitar-lhe-iamos, incontinente, o unico medicamento capaz de salvar semelhante desgraçado: uma visita ao Horto Florestal de Rio Claro. E dariamos a cabeça a cortar se o infeliz não regressasse enfolhado de esperanças, como um platano de setembro, ou apendoado de flores, como as roseiras de outubro.

Porque o Horto não se limita a ser um remedio de effeito aleatorio: é um topico, um porrete melhor que o mercurio para a syphilis ou a aspirina para as nevralgias.

— Mas que Horto maravilhoso é esse? perguntará o leitor.

Ah! o Horto é uma coisa séria. E' uma d'essas coisas "que só vendo". E' d'essas lições vivas de energia que só julgamos possiveis em paizes como Estados Unidos e Allemanha. E' uma prova, com os noves fóra, de convencimento absoluto. E' uma aberta que deixa entreluzir o que poderemos ser no futuro. E' um filho vigoroso e nobremente viril do trabalho intelligente em connubio com a sciencia de verdade. E' uma victoria completa, esmagadora, a coroar uma batalha de dezesete annos.

O Serviço Florestal da Companhia Paulista constitue um formidavel exercito de 8.500.000 eucalyptos, armados em pé de guerra, com a mobilização marcada para d'aqui a tres annos. Só com essa edade, vinte annos, é que entrarão em batalha, a fecunda batalha da paz, desdobrados em dormentes, achas de lenha, postes, moirões, taboado, carvão e essencias.

Mas a formação d'esse exercito não pára. Todos os annos centenas de milhares de conscriptos saem dos canteiros e vão engrossar as phalanges

veteranas que se distribuem á beira da linha ferrea, em varios pontos estrategicos.

O quartel general situa-se em Rio Claro. Ahi reside o commandante supremo, Edmundo Navarro de Andrade, a maior autoridade mundial, hoje, em materia eucalyptica. Base de operações, d'alli do seio d'essa formidavel floresta artificial de mais de 3 milhões de arvores é que parte a idéa coordenadora que uniformiza e articula os demais corpos de exercito, acampados em Loreto, Boa Vista, Rebouças, Tatú, Cordeiro, Camaquan e Jundiahy.

Centro de estudos florestaes, esse horto deixa a perder de vista tudo quanto se fez no Brasil por iniciativa governamental. Burocracia nenhuma, nenhum bysantinismo, nada que lembre a palermice marasmatica em que inevitavelmente caem os nossos serviços publicos.

Os nossos serviços publicos! Conta-se de um horto onde se iniciára uma sementeira de eucalyptos. Veiu visital-o um dia a mulher do se-

cretario da Agricultura. Examinou tudo, mulherilmente, e, dando com os eucalyptos, disse:

— Não gosto d'isto. Prefiro violetas.

E lá se substituiram os eucalyptos pelas violetas da senhora ministra...

Impossivel uma coisa d'estas num estabelecimento particular, e muito menos em departamento da maravilhosa empresa que é a Companhia Paulista.

Resultado: o problema resolve-se de vez, a floresta crea-se em proporções formidaveis, a demonstração se torna exhaustiva e o caminho fica aberto, liso e plano como rua d'asphalto, para todos quantos queiram atirar-se á silvicultura.

E tanto é assim que, contagiado pelo exemplo da Paulista, e industriado por Edmundo Navarro, o plantio de eucalyptos cresce no Brasil, maravilhosamente. Em S. Paulo orça já por treze milhões de arvores. No Rio Grande do Sul anda por quinze milhões. Um industrial allemão, Bleckman, lendo o livro de Navarro, veiu de lá, es-

pecialmente, para verificar com seus olhos a exactidão do que lêra; e hoje, gerente da Companhia Geral de Industrias, em S. Leopoldo, planta 600.000 pés por anno. A Companhia de Morro Velho, visando a futura exploração do ferro de Itabira, planta 200.000 annuaes. A Companhia Florestal Fluminense tem um programma de um milhão. No Ceará a Companhia de Melhoramentos planta 100.000 por anno, para dormentes. Em Santa Catharina a Companhia Aranguá, em Laguna, planta em larga escala afim de obter escoras para as minas de carvão. A Companhia Electro-metallurgica de Ribeirão Preto pretende plantar 600.000 annuaes para abastacer de carvão seus futuros altos fornos. Além d'estas, numerosas pequenas plantações particulares surgem em toda parte, de dez, de vinte, de cincoenta mil arvores, todas filhas do exemplo da Paulista e orientadas pela visão segura de Edmundo Navarro.

Pergunta-se: o Ministerio da Agricultura, em annos e annos de funccionamento, com verbas

enormes, fez até agora obra que se possa comparar a esta? Fomentou alguma cultura, orientou-a, na escala e com a segurança d'esta maravilhosa iniciativa particular?

O nucleo mais antigo dos eucalyptos da Paulista localiza-se em Jundiahy, plantado, cremos, em 1903. Constitue a velha guarda, de cujo seio surgiram, este anno, os primeiros postes para o serviço de electrificação d'essa via-ferrea, no trecho de Jundiahy a Rio Claro.

Merece especial menção este facto.

Discutindo-se qual a madeira mais conveniente para a obra, os campeões do nacionalismo florestal apresentaram-se em campo com o guarantan *nec plus ultra*.

Debates. Palavrorio.

— Experimentemos, diz a Paulista.

Tudo preparado para o grande *match*, saltam á frente do terrivel campeão indigena tres especies de eucalyptos — o *robusta*, o *butryoides* e o *triticornis*, conduzidos por mãos do *entraineur* Navarro.

O nacionalismo riu-se. A derrota do páo australiano seria inevitavel porque o guarantan apresentado era velho de cento e cincoenta annos, no minimo, ao passo que os eucalyptos contavam apenas dezesete risonhas primaveras. Lucta de Golias com David...

Mesmo assim, todos torciam pelo campeão nacional, num patriotismo de páo, gosando-se antecipadamente da esfrega que ia soffrer a madeira intrusa.

Iniciadas as experiencias de resistencia, o guarantan rompe com uma carga de 2.790 kilos, e 2m.05 de deflexão.

Palmas. Bravos. Fôra um resultado brilhantissimo, pois que lhe bastava resistir a 600 kilos apenas para ser approvado com gráo nove.

A lambuja de 2.190 kilos fez delirar de entusiasmo o patriotismo silvicultor. A Liga Nacionalista, informada, abriu uma garrafa de champanha... de abacaxi. E armou-se para bebel-a.

Mas a experiencia prosegue, entrando em scena

o *robusta*, que rompe com 2.378 kilos de carga. Teve parabens indulgentes, foi gabado, recebeu palmadinhas de reconforto. Apanhára do nacional por differença de 412 kilos — uma vergonha.

A Liga mandou hastear o pavilhão.

Mas a experiencia não estava conclusa, e pula á arena o *butryoides*, que resiste mais que o *robusta*, que resiste tanto como o campeão nacional, que resiste mais que elle, e que o derrota pois só rompe á carga de 3.227 kilos com deflexão de 0,90.

Desapontamento. O nariz da Liga cresce. O coração da Patria sangra...

— O *triticornis* agora!

Vae o *triticornis* para o supplicio. Amarram-lhe o cabo ao pescoço. Começa a girar o parafuso millimetrico.

Uma tonelada.

Duas toneladas.

Duas toneladas e mais 790 kilos — o indice do guarantan!

Tres toneladas!!

Quatro!!

Cinco!!!

O assombro é geral. Os patriotas, furiosos com tamanha resistencia, torcem o arrocho com furia.

Cinco e meia!

Seis!...

Chega a ser desaforo! A Liga bate um telegramma protestando: Ha truque! Deram-lhe a beber infusão de kola! Está infibrado de aço! Não é páo!

E o *triticornis*, impassivel, continúa mudo, sem um estalinho de dôr!... Só deu o berro á carga de 6.517 kilos, com deflexão de 3m.40. Bateu, pois, o campeão indigena por uma differença de 3.727 kilos na carga de ruptura e 1m.35 no indice de deflexão.

Quando as brisas levaram a nova do heroico feito aos varios hortos da Paulista, oito milhões de arvores, irmãs do Friedenreich vegetal, tre-

melicaram as folhas. O passaredo já nascido entre os eucalyptus desferiu trinos de victoria e as cigarras chiaram, numa vaia.

Emquanto isso, na capital, com dôr d'alma, a Liga, re-arrolhando a garrafa de champanha, punha a bandeira a meio páo. E cobria a cabeça de cinzas... de páo brasil.

MAIS EUCALYPTOS

ENTRE as nossas "fabulosas" riquezas, figura em primeira plana a florestal. Raro o dia em que nos panegericos com que enganamos a barriga não vem á tona dos jornaes uma referencia de bocca cheia a esse tesouro.

Não obstante, é incalculavel o numero de metros cubicos de madeira que o Brasil já importou. Todas as estações da Estrada de Ferro Central, por exemplo, são construidas de pinho de Riga. Estradas de ferro ha, como a Madeira-Mamoré, cujos dormentes vieram da Australia. E as nossas fabricas de papel manipulam-no com pasta de madeira vinda de fóra.

Natural, isso. Matta é riqueza unicamente quando homogenea, formada d'uma só especie vegetal. Do contrario, tel-a ou não, é tudo um. E nossas mattas caracterizam-se pela abundancia

desastrosa de especies misturadas. Num alqueire de terra crescem dois, tres mil vegetaes differentes, o que é lindo á luz da esthetica, optimo para tirar cipó, mas, do ponto de vista da utilidade economica, um desastre.

De modo que o malsinado crime de devastar mattas não é crime nenhum, antes beneficio, já que meio unico de remover da terra um trambolho inutil. Foi devastando-as que S. Paulo conseguiu crear a lavoura cafeeira, que não passa da substituição da heterogeneidade natural, anti-economica, pela homogeneidade artificial, utilitaria.

E é replantando essas inuteis mattas nativas que começamos a ter madeiras de construcção de alto rendimento.

Nucleos naturaes, homogeneos, de arvores a crescerem em sociedade, só os temos na mancha de araucaria do Paraná. E nucleos artificiaes, só nos hortos de eucalyptos da Companhia Paulista. Assim, as taes fabulosas riquezas não passam de floreio rhetorico, e o Brasil, excluido o

Paraná, é pauperrimo de mattas uteis, susceptiveis de exploração industrial. Possue muito *matto*, mas *mattas* uteis só as terá quando as plantar, á imitação do que fez essa intelligente empresa de vias-ferreas.

Mas, plantar que especie? Todas, e sobretudo eucalyptos, esta maravilhosa dadiva da flora australiana. Nenhuma outra especie supera o eucalyptos em rapidez de crescimento, em facilidade de cultura e em porcentagem de renda. Desdobrado em cerca de duzentas especies e variedades, o eucalyptos adapta-se a todos os climas, a todas as terras e, como madeira, a todos os misteres. Para carvão, para lenha, para dormente, para postes, para obras de marcenaria, para extracção de essencias — não ha funcção utilitaria que não desempenhe elle de modo tão vantajoso como qualquer outra especie.

Na encantadora vivenda de Edmundo Navarro, em Rio Claro, ninho feliz a boiar no seio de tres milhões de eucalyptos perfilados em linha, toda a mobilia, e o mais que não sendo mobilia

é de páo, tudo é feito d'essa madeira, de modo a arrolhar as objecções levianas dos maldizentes.

O grande merito d'essa arvore, entretanto, reside no seu rendimento como madeira de construcção. E' fantastico. Basta dizer que alli, sobrecarregada com as dispendiosas experiencias iniciaes d'uma cultura nova entre nós, com o alto preço da terra, etc., cada arvore está pelo custo de 428 réis. Ora, as primeiras arvores de 17 annos utilizadas para postes obtiveram o preço liquido de 40$000, fóra a lenha da galhaça. E calcula Navarro que hoje, com a experiencia adquirida, é possivel obtel-as por metade de 428 réis, e até de graça, tal seja a qualidade das terras reflorestadas e o resultado das culturas intercallares que se possibilizem entremeio, durante o primeiro e o segundo anno. Do segundo anno em deante, como é em extremo rapido o crescimento das arvores — tres metros em média por anno — a terra por ellas occupada só se presta para receber o capim catingueiro,

dando um pasto soffrivel para carneiros e bovinos.

Não se contenta com isso a arvore milagrosa. Vae além. Resiste á geada, como a laranjeira, e não resiste menos maravilhosamente ao fogo. Lá vimos, em Rio Claro, um grande trecho do eucalyptal incendiado por mãos criminosas a 13 de setembro, e completamente rebrotado a 30 de outubro — 47 dias depois.

Estes simples dados resaltam as benemerencias sem conta da preciosa madeira australiana, e mais alguns frizarão o seu alto rendimento economico.

A lenha do eucalyptos sae — está saindo lá — a 2$400 o metro cubico. Ora, como seis metros de lenha equivalem, em calorias, a uma tonelada de carvão de pedra, segue-se que o combustivel obtido pelo florestamento intelligente offerece por 14$400 a mesma somma de energia que compravamos do inglez, num tempo feliz que já lá foi, por 40$000 e que compramos hoje por cento e tantos — os olhos da cara!

A solução nacional do problema do combustivel para nossas vias ferreas está na lenha dos eucalyptos, solução que comporta ainda uma vantagem importantissima, qual seja a de ficarem em casa, integralmente, os 14$400 do custo.

Aqui se vê bem patenteado o crime de inepcia em que insistem os nossos governos, não florestando a Central e outras linhas de sua propriedade, de modo a libertal-as da dependencia do carvão inglez.

Se fizermos as contas do que só a Central já trasfegou, *em milhares de contos*, para o papo do inglez, em troca da sua hulha, o algarismo avultará em proporções de nos derrubar o queixo. Deve orçar isso, se não exceder, por *um milhão de contos.*

Que luxo caro, a imbecilidade!

Mas não calumniemos a Central. Ella agita-se, ás vezes, e faz o que póde. Já plantou alguma coisa á beira da linha, com o fito talvez de não ficar atraz da Paulista. Já plantou (desabotae-vos, cóses!) . . . herva cidreira.

Lá estão milhões de moitinhas rachiticas, pontilhando de verde o leito da linha, em duas fileiras que se extendem de S. Paulo ao Rio.

Com que fim escolheu a herva cidreira e não a violeta, ou a dhalia, ou o cravo de defunto?

Ninguem o sabe. E' d'esses mysterios bem mais profundos que o da Santissima Trindade.

Por taes e outras é que dizia Alberto Torres que somos "um dos povos mais sensatos e inteligentes do mundo", esquecendo-se de declarar de que mundo. Ha varios e o mundo da lua é um.

O grande inimigo dos eucalyptos é a formiga, cujo serviço de extincção custa hoje á Paulista 35$000 por alqueire de chão.

Hoje. Antigamente sahia por muito menos, a terça parte, ahi uns oito mil réis, se tanto.

Porque augmentou assim? Contos largos!...

Corria o anno de...

A formiga, esfogueteada de todos os lados com os excellentes sulfuretos vindos de fóra, alarmou-se e foi pedir soccorro a Jehovah.

— Puzeste-me no mundo e eu vivia feliz. Mas o homem inventou o sulfureto de carbono e a minha especie corre risco de extincção. Salva-me, Jehovah!

O bom deus, condoido, cofiou a barba eterna e disse:

— Tens razão. Mas socega. Vou dar-te um alliado precioso, o melhor dos alliados possiveis. Vae em paz, que remediarei os teus males.

A formiga desceu á terra, jubilosa, e Jehovah mandou que a pombinha do Espirito Santo fosse pousar na cupula do palacio Monroe.

Não demorou nada e os nossos representantes da nação se sentiram inspirados.

— Protejamos a industria nacional, disseram; taxemos fortemente o producto que vem de fóra, afim de que surjam entre nós grandes fabricas de formicida indigena.

E — *zás!* — taxa de malhão.

O resultado excedeu á expectativa das saúvas. O formicida passou de 3$000 a lata a 14$000,

e passou de optimo a pessimo, impossibilitando-se, quasi, a guerra que o lavrador movia á praga. Jéca, um instante de pé, com clarões de esperança nos olhos, acocorou-se de novo e recahiu em modorra.

— Paciencia. O governo não quer...

E as formigas, gordas, coradas, felizes, remultiplicadas ao infinito, entraram a sorrir do pobre lavrador de mãos amarradas.

O prejuizo que a *entente* Governo-Saúva impõe á lavoura é colossal. E' cada vez maior. Em compensação, o proteccionismo rejubila, vendo fumegar as chaminés de umas tantas fabricas novas, que incensam uns tantos ricos novissimos.

Como era natural, a prohibição da entrada do sulfureto de carbono foi um bello golpe no plantio de eucalyptos, plantio que se alastrava de maneira sorprehendente, puxado pela locomotiva do exemplo da Paulista.

Mesmo assim, continua. As sementes vendidas pelo Horto do Rio Claro passaram de 50

kilos em 1916 a 574 kilos em 1919. O Congresso impediu que a progressão fosse de um para cem, mas não impediu que fosse de um para onze, o que já é alguma cousa.

No tempo da colonia um qualquer conde de Assumar teria mandado arrancar todas as mudas plantadas, o que seria um bocadinho mais triste...

OS TANGARÁS

APPARECEU ha dias um livro, de nada seductor aspecto, cheio de gravuras mal reproduzidas, pesadão — meio kilo — e de difficil manuseio, costurado que vem a barbante, de fóra a fóra, e não caderno a caderno, como o exige a commodidade da leitura. Exemplar typico da arte livresca nos Estados onde Guttenberg não vai lá de pernas.

Para mal de peccados cheira o livro, á primeira vista, a sermão de encommenda, d'esses fervidos ás pressas, em fim de governo patoteiro, para aboccar uma bolada.

Entretanto, quem vence os obices oppostos pela má apresentação material, e mette os dentes no miolo, sae contente da vida pela feliz idéa que teve. E' obra que revela, já nas primeiras linhas, um observador seguro de si, com sério equilibrio

de faculdades e capaz da visão ecologica das coisas. E escripta, além disso, em bom estylo, sobrio sem seccura, singelo sem vulgaridade, e pittoresco sem galharada excessiva de regionalismo. *Terra Catharinense*, chama-se, e assigna-o Chrispim Mira. Nelle se estuda, sob todos os aspectos, o Estado barriga verde, entreverando-se paizagens com estatisticas, anecdotas com visões de sociologia, e historia com scenas de costumes. Consegue dess'arte o sr. Mira dar uma impressão exacta, quasi a sensação da terra catharinense.

E de si dá a medida d'um escriptor que tem o que dizer, e o diz bem, ás rapidas, com clareza e sinceridade.

Em materia de escriptores, temol-os de duas categorias: a dos necessarios e a dos inuteis. Uns, revelam o paiz a si proprio, bem vendo, bem sentindo e bem reproduzindo os estados d'alma e de corpo da brasilea coisa e da brasileira gente; outros, tomam tempo aos occupados com uma arte pela arte singularmente pulha.

Uns, constroem devéras uma literatura: fixa-

ção exacta do momento ethnico, cosmico e mental. Outros, bysantinizam. Chronistas, ás vezes brilhantes, de *omni re*, a varridela saneadora do tempo não deixará de sua agitação na terra uma esquirola siquer.

Chrispim Mira tem qualidades para fulgir na vivedoira pleiade dos primeiros. Basta para isso que tenha fé em suas forças.

Mas não vem a pêlo aqui uma analyse d'esse livro, senão o furto da pagina relativa aos tangarás.

Esta avezinha, cujo nome nem siquer entrou para os diccionaros que Portugal nos vende, merece da poetica as honras dispensadas na Europa ao rouxinol e aqui ao sabiá.

E' incrivel, com a riqueza da nossa fauna ornithologica, que acampemos toda a vida no sabiá de Gonçalves Dias, com menospreço da variedade infinita de themas plumados que ahi andam aos regorgeios de ramo em ramo.

O sabiá é, de facto, uma coisa séria no mundo dos volateis. Caruso nostalgico, filho da laranja e dos crepusculos, é o sonoroso poeta alado das saudades. Ouvil-o em tardes languidas é mergulhar a alma num banho de suave tristeza. Só não pensam assim os donos de pomar, gente rude para quem peste peior que o sabiá, só o sanhaço.

Seus altissimos meritos canoros não justificam, porém, o aferrarem-se a elle os poetas como se a gamma passarinheira tivesse uma nota unica.

Vá que repudiem o João-Bobo, excellente creatura maltratada pelo homem com essa alcunha diffamadora; ou aquelle gracioso passarinho preto, irmão da graúna, baptisado escatalogicamente; mas deixar sem as festas da rima aos tangarás, os nossos Nijinskys de penna e bico, é coisa que brada aos céos.

Que nos conste só um poeta até hoje — Ricardo Gonçalves — metteu em versos a dansa dos tangarás. Suggere-a, porem; não a descreve.

Põe-na no fecho de bucolicas sextilhas como simples nota impressionista:

> Na matta umbrosa, que é um templo,
> Cheio de aroma e de paz,
> Horas perdidas contemplo,
> Sobre o tapete da relva,
> A maravilha da selva,
> A dansa dos tangarás.

Ha seculos que os tangarás cantam e dansam, fazendo abrir a bocca, em extase, a seus collegas de penna e a seus inimigos de pêlo. Dizem que a onça, ao vel-os, entrepára, e assiste á festa com um brilho "besta" nos olhos.

Será ficção. Vem logo ahi um naturalista demonstrar, com ruins pronomes, que tal brilho não é de extase esthetico, mas de fome pura, e possa a onça, lá irão os tangarás concluir a dansa no seu bucho.

Não importa. O extase da onça ficará, porque é uma nota necessaria á harmonia das coisas, como tempero dulçoroso da ferocidade felina.

Ficará como ficou o patriarchado de José Bonifacio depois das catilinarias do Assis Cintra. A floresta sem o extase da onça e o Brasil sem o patriarchado de José Bonifacio, perdem metade da graça.

O tangará é talvez o unico passaro do mundo que evoluiu do canto á dansa, e os conduz de par, com sciencia de rythmos tão sabios como os da Pawlova.

(Está aqui uma rata nossa: por que não apresentamos á sublime Anna os nossos Nijinskys plumados? Coisa muito de ver seria a esgalgada russa em extase de onça ante um bailado tangará. E, quem sabe? não se inspiraria ella para uma creação *sui-generis*, irmã da Morte do Cysne, por meio da qual, saracoteando nos palcos estrangeiros, fizesse a Europa ornithologica curvar-se ante o Brasil passarinheiro? Gente escassa de idéas, a nossa...)

Chrispim Mira viu com seus olhos os tangarás

na faina choreographica e os descreve nestes termos:

"Das aves catharinenses é a mais famosa. E' azulada e de crista vermelha. Anda em bandos de oito a dez, sob o commando de um. Nos momentos de festa reunem-se no galho de uma arvore e ao signal do tangará director, que pousa em galho fronteiro, iniciam o gorgeio. Compõe-se de trez partes esse admiravel concerto. Na primeira o maestro modula, em sólo, um cantico dobrado, ora terno, ora vibrante, as pennas meio alvoroçadas pelo ardor da modulação, a cabecinha esticada, o bico entre-aberto, e o pescoço a regorgitar-se e a retrair-se na emissão de notas deliciosas que se espalham pelo silencio da matta.

E permanece, assim, dois a tres minutos, como um Caruso, um Tamagno da floresta, sobrepondo trinados, dilatando os sons em corridas longas, encachoeirando as solfas numa precipitação vertiginosa, amortecendo-as em surdinas, tornando-as vagarosas e atropelando-as em seguida, em subtilezas de violino e tons graves de barytono.

Quando termina o hymno, rompem os demais em côro. Ás vezes se reunem, combinam-se, estridulam uniformes, todas as cabecinhas se distendem egualmente para a frente, todos os pescoços têm os mesmos movimentos, todos os bicos desferem o mesmo canto macio, cheio, vivo, sonoro, extasiador.

Ha um descanso rapido. Os tangarás saltitam aos pares ou isolados pelo arvoredo. Eis porém, que o maestro trila de novo, e todos acodem celeremente, retomando o seu posto: o bando num galho e o chefe noutro, a principio. E, unisonamente, galhardamente, a encantadora e plumosa orchestra irrompe, a um só tempo, numa especie de bailado, pondo-se o tangará maestro a saltitar em ida e volta do seu galho para o outro onde estão os companheiros, ao mesmo tempo que estes, sempre a gorgear, pulam tambem, uns sobre os outros, de modo que os primeiros vão ficar atrás dos ultimos e depois estes atrás dos primeiros. Cerca de cinco minutos são consumidos nessa curiosa alegria avicular. A certo ponto o maestro suspende o vôo e perde-se na folhagem, can-

tando. A orchestra o acompanha, e de longe ainda vêm as ultimas vibrações do bellissimo bailado. E' um espectaculo que, visto uma vez, nunca mais se esquece."

Infelizmente o tangará é uma avezinha esquiva, pouco amigo de relações com o homem, cuja ferocidade conhece. Vive, por isso, nos recessos das mattas, e não dá espectaculos quando preso em gaiolas ou viveiro. Fosse como o pardal, e que maravilhosa coisa seria termol-o a avivar com canto e dansa a paizagem das grandes capitaes!

Mas é ave envergonhada. Tem muito da caipirinha arisca que se esconde atrás das portas. Elle tambem se esconde para dansar. Não é cabotino, e o mundo é dos sem-vergonhas. O mundo é do pardal...

O PAE DA GUERRA

O homem inventou uma coisa fóra da natureza: o parasitismo na mesma especie.

O parasitismo é uma lei da vida, mas sempre entre especies differentes. Na propria, só no caso do homem. E a guerra é, em ultima analyse, uma simples manifestação d'esse parasitismo. E' o meio violento a que um Estado recorre para escravizar povo mais fraco e aparasitar-se nelle, vivendo-lhe á custa do sangue. Venha o vencido para Roma, atado, nú, á cauda dos carros de triumpho, ou fique em suas terras no arroxo economico de um tratado de Versalhes, o facto é, na essencia, o mesmo.

Ora, anti-natural, anti-biologica que é tal fórma de parasitismo, a guerra constitue o supremo mal, a cruel avariose que torturou, tortura e ha de torturar a humanidade. E mal sem remedio,

porque a guerra tira dos seus proprios effeitos extremos — victoria e derrota — o estimulo que mantem vivida a mentalidade guerreira.

A apotheose dos heróes, a apresentação esthetica de todos os crimes, o embellezamento systematico da carniçaria, o exalçamento das virtudes guerreiras revigoram, na victoria, a mentalidade bellica enfraquecida nos annos de paz. Na derrota, o soffrimento injusto, a espoliação do innocente e a insolencia da pata invasora crêam o odio mortal e põem em todas as almas a idéa suprema da vingança.

Gloria e vingança: eis a alma bifronte da guerra.

Ha, entretanto, um erro monstruoso de visão, tanto no vencedor como no vencido. Erro de pessôa.

Esse erro é o de attribuir ao *povo* contrario todas as calamidades soffridas durante a guerra.

Não é o povo que faz a guerra, é o Estado.

O povo limita-se ao papel de machina, de carne soffredora e bóde expiatorio.

Os povos são partes do grande todo que é o genero humano e têm a sensação inconsciente desta unidade prégada por todos philosophos, de Christo a Novicow.

Esta verdade, porém, é núa como todas as verdades. Tem, pois, contra si o obice tremendo da nudez, porque o homem, creança ainda, e inda muito proximo do troglodita, só se embeléca ante os idolos lantejoulantes e pomposamente embonecados da mentira. Quanto mais missanguento o idolo, religioso ou social, mais fieis possue e mais difficil é de ser derrocado.

A verdade da unidade humana não consegue impor-se porque é uma verdade e vive núa como suas irmãs que moram no poço.

Entretanto, de mil maneiras ella demonstra que a humanidade é o grande corpo de que cada povo ou raça é membro com funcções especiaes.

Um é cerebro, pensa; outro é musculo, age;

outro é pulmão, respira. Este é cigarra, canta; aquelle é formiga, trabalha.

Ha o que inventa, ha o que aperfeiçôa, o que industrializa, o que commercia.

Ha o artista, que compõe; ha o sabio, que estuda; ha o mystico, que crêa religiões.

E todos se servem entre si, completando-se, numa interdependencia maravilhosa da qual resulta o funccionamento harmonico do todo.

E tão intima é esta troca de serviços que, como no individuo, a doença, a atrophia, a morte de um membro affecta profundamente o organismo inteiro, quebrando-lhe o rythmo da vida.

Assim, a guerra é o Mal, porque é o desequilibrio de funcções num corpo cuja harmonia physiologica depende do perfeito equilibrio dos orgãos.

Imagine-se a guerra transportada para o corpo humano. Os pulmões invadindo o cerebro e destroçando-lhe as cellulas cinzentas. O estomago occupando militarmente o figado e impondo-lhe a

tarefa de fabricar succo gastrico em vez da odiosa bilis. Os rins, vencedores do pancreas, forçando-o a pagar, como indemnisação de guerra, dez litros de pancreatina, e a passar o canal de Wirsung para a jurisdição do baço.

Pois absurdos assim acontecem no corpo da humanidade em consequencia da coisa monstruosa que é o direito do vencedor.

E a verdade, tão simples, tão entradiça pelos olhos, d'essa interdependencia harmonica das partes — povos e raças — necessaria á saude do grande corpo — humanidade, foi, é, e continuará inattingivel. Os seculos passam e estamos longe d'ella como no tempo de Atilla.

Porque é assim?

Porque os povos se acham empolgados por um monstro parasitario de estupidez infinita, alliada a um infinito machiavelismo.

Esse monstro é o Estado.

Aquella visão de lynce feita homem que foi Frederico Nietszche já o denunciou pela bocca sybillina de Zarathustra.

"Não ha mais povos entre nós, diz elle, ha Estados. O Estado é o mais frio dos monstros frios; elle mente com frieza e a mentira que escorre, perenne, da sua bocca é esta: eu, o Estado, sou o povo.

Mentira! Eram creadores os que crearam os povos e lhes deram uma fé e um amor. Serviam, assim, á vida. São destruidores os que armam arapucas á massa e chamam a isso Estado; estes suspendem sobre a cabeça do povo um gladio e cem appetites. Onde ainda ha povo, este não comprehende o Estado e o detesta... Cada povo tem sua lingua do bem e do mal que o vizinho não comprehende, linguagem inventada para seus costumes e leis. Mas o Estado mente em todas as linguas do bem e do mal. Em tudo o que diz mente, e tudo o que possue é roubado... Tudo nelle é falso: elle morde com dentes roubados. Até suas entranhas são mentirosas... Ao mundo vêm homens de todos os valores, mas o Estado foi inventado pelos homens superfluos.

Vêde como elle attrahe os superfluos, como os enlaça, como os masca e remasca.

— Nada ha maior que eu sobre a terra, urra o monstro, eu sou o dedo de Deus."

Esta visão do philosopho nunca se patenteou mais flagrante do que agora.

Foi o monstro frio quem fez a guerra — a guerra crudelissima que os *povos* padeceram em sua carne sensivel.

E foi ainda o monstro quem fez a paz, a paz odiosa em que se torce no garróte o pescoço dos povos — dos povos innocentes, pois os povos não fizeram a guerra. Elles são victimas da guerra, porque são victimas do monstro — Estado. O monstro empolga-os e a partir da escola organiza a mentira viva de que se alimenta e em que se rebolca. Mentira allemã de um lado, mentira franceza de outro, mentira ingleza, mentira italiana, mentira em todos os idiomas, sob todas as formas. Director da mentalidade dos homens que fazem a opinião publica, senhor dos instrumentos

de diffusão de idéas, imprensa, livros, telegraphos, correios, o rei da mentira mente omnimodamente e a tudo envenena com a sua mentira organizada, desde as ondas hertzianas até a cêra molle dos cerebros infantis. E os povos parasitados não percebem a sua monstruosa escravização ao parasita que nelle se enraizou como um cancro...

Não ha simile mais perfeito. O cancro tambem cresce sem cessar, invade todos os tecidos, não tem limites, não attinge a um termo, é um embryonario que não chega a adulto e se desenvolve num sentido só — no de alargar-se cada vez mais. Se lhe extirpam uma parte, renasce. Se o extirpam inteiro, resurge.

Tambem o Estado não vive hoje como orgão necessario á vida do povo qual era a sua missão primitiva. Mas como dono, como senhor absoluto d'esse povo. Elle é que é o principal. O povo é o accessorio, a massa carnosa de que o Estado se alimenta.

Symbiose *sui generis* onde um entra com o sangue e o outro com o appetite inextinguivel...

Todas creações do Estado são grifanhas e de utilidade unilateral. O militarismo, o patriotismo o imperialismo, o colonialismo, a burocracia, o privilegio, o fisco, a censura: — dentuças!

Mas a sua obra prima, de uma machiavelice infinita, é a arte de confundir-se com o povo e dar-se como organização intelligente e necessaria do povo. Se os cancros pensassem e tivessem escolas e agencias telegraphicas, a propaganda do cancro, a lição permanente do cancro perante as cellulas do corpo atacado seria a mesma linguagem official dos Estados de hoje.

No caso recente da grande guerra: quem a accendeu? O Estado: — o Estado allemão, o Estado inglez, o Estado francez, o Estado russo.

Mas quem lhe soffreu os horrores inenarraveis? Os povos respectivos.

A paz de urubús, quem a fez? O Estado: — o Estado allemão, o Estado inglez, o Estado francez.

E quem lhe vae soffrer os horrores consequentes? Os povos respectivos.

Entretanto, toda a gente sabe que os povos nunca fizeram guerra entre si, porque os povos são compostos de creaturas de carne dolorosa, de paes, de mães, de filhos, de esposas, de irmãs — de corações, emfim, inimigos natos da guerra, porque para quem é coração guerra é dôr.

Apesar d'isso a guerra continúa. E não ha esperança de que os povos abram os olhos, tirem do poço a verdade espesinhada e extirpem de vez o cancro frio, o parasita monstruoso que é a um tempo o filho, o pae e a mãe da guerra...

"HOMO SAPIENS"

QUANDO o homem abdicar — ou fôr deposto da terrena realeza, que usurpa, e em seu poleiro o plebiscito livre de todos os sêres viventes enthronizar o boi, a phoca ou o abutre, a vida do globo ganhará immenso em amabilidade.

Amabilidade é o caracter do que é digno de ser amado e a vida na terra, sob a regencia do homem, positivamente não o é.

Enthronizado que seja um d'esses animaes — o boi, vá lá! — ha de tudo resentir-se de immediata melhoria.

Os bois não falam, nem escrevem, d'onde resulta impossivel conhecer d'antemão os pontos basicos da magna carta bovina; entretanto, dadas as excellentes qualidades de caracter e coração reveladadas por elles até aqui, é logico prever que

a realeza de guampas será infinitamente mais gentil do que a dura realeza humana.

Quantas instituições, meros sonhos de ideologos hoje, só as teremos então! Uma d'ellas é facilmente previsivel: a Sociedade Protectora das Creanças.

Porque não ha maiores victimas da crueldade e da incomprehensão do rei actual do que estes debeis serezinhos de carne tenra. Sobretudo as creanças pobres...

Durante a guerra, quando a Allemanha bombardeava, passou alguma vez ante os olhos do germanico flammivomo a imagem das pequeninas victimas?

E agora, que o alliado commodamente bombardeia com ultimatuns peiores do que obuzes, passa pela mente dos estadistas a imagem das victimas pequeninas?

Quantas, a esta hora, na Allemanha, na Austria, na Turquia, com grandes olhos assustados, purgam nas torturas da fome o crime de guerra commettido pelos paes?

Magras, dolorosas, entanguidas...

A meia ração geral estancou-lhes o leite do seio materno. O leite das vaquinhas não existe mais. Levou-as, ás vaccas, o Tratado... Ah! Os Torquemadas do momento prevêem té nos minimos detalhes o requinte da tortura. Clemenceau, Lloyd George, Foch, os grandes chefes de malta, tigrinos, sabem que a dôr nos filhos innocentes é o melhor castigo aos paes. E descem aos estabulos em pacifica e risonha pilhagem ás vaccas...

Os processos da guerra e da paz são os mesmos. As armas, as mesmas. Numa, *grosses Berthas* que vomitam ferro e gazes asphyxiantes; noutra, *grosses Clemenceaus*, *grosses Fochs* que expluem artigos dum-dum e paragraphos shrapnells, recheiados de gazes consumptores.

Artilheiros de quatrocentosevintes ou artilheiros de tratados: cannibaes que nunca meditaram um instante nas victimas innocentes d'essa ferocia truculenta chamada patriotismo, culto de sangue ao Moloch moderno: Patria.

No Moloch phenicio, de ferro incandescente, despejavam os sacerdotes dezenas de creancinhas vivas para que o chiar das carnes, os gemidos e o fumo aplacassem um deus.

No Moloch-Tratado os sacerdotes da Patria despejam milhões de creancinhas para que morram de consumpção, lentamente, e aplaque as iras do Baal Patriotismo.

A mesma estupidez sempre, sempre o mesmo requinte de crueza.

O grande principio da justiça humana, consagrado pelo Deus carniceiro inventado pelo homem á sua imagem e semelhança, resume-se nesta coisa horrenda: o innocente pagará o crime do peccador. Principio biblico! divino! principio irreductivel que dominou hontem com Herodes, domina hoje com os Tigres, dominará amanhã sob os Lenines, porque é propria do homem a iniquidade...

Mas ha de a vida do planeta ficar assim *ab eterno* sob a regencia da iniquidade?

Todos os sêres, transfeitos numa legião infinita de espoliados, hão de eternamente curvar cabeça á tyrannia?

Não! E' forçoso que se opere a revulsão de tudo e que do poleiro desça o rei máo.

Eia, pois, animaes todos da terra: basta de escravidão!

Levantae-vos, leões do Sahara, tigres da India, onças do Brasil, e vós todos, do ar, da agua, da terra, cascavéis dos campos, lobos da Russia, bisões do Arizona, girafas, elephantes, rhinocerontes, hippopotamos, hyenas, chacaes, urubús, condores, tubarões, golphinhos: — uni-vos!

E' tempo de conspirar contra o gorilha que evoluiu e, senhor da Intelligencia e da Má Fé, vos opprime a ferro e fogo.

A intelligencia d'elle, bem o sabeis, é uma doença, uma hypertrophia cancerosa de instincto. Só produz males. E' a mãe do soffrimento. A guerra, a fome, a peste são filhas suas, como são filhos seus todos os horrores que fazem odiosa a

vida na Terra: — os deuses carniceiros, a mentira, a riqueza, a miseria, o Estado, a lei, o cadafalso, a inquisição, o patriotismo, a farda.

Não possuis nada d'isso e sois felizes.

Resolveis vossos problemas com tamanho acerto, que não tendes problemas.

Que perfeição nas abelhas! A mais rudimentar colmeia constitue ideal inattingivel ao senhor da intelligencia. As aves e os insectos sorriem dos seus progressos da aviação. Os rouxinoes não lhes toleram os Carusos. Os ratos zombam da guerra que elles lhes declaram. Os pombos apiedam-se da sua pobreza de instinctos. Esvoaçando num hospital, a mosca, tão bem apparelhada para a vida, tão segura de vôo, tão aguda de faro, tão precisa nos fins, vê a miseria physiologica do homem qual um monturo infecto de que só ella sabe tirar bom partido.

Vossa vida, animaes, é perfeita de rythmo e de belleza. Se ha perturbações nella; se vos estraçoam as aves a tiro; se vos deixam os ninhos

orphãos, para que morram de fome os implumes innocentes; se vos pescam nas aguas com armadilhas traiçoeiras; se todas as vossas passagens andam tramadas de arapucas, de mundéos, de ratoeiras; se vos roubam os ovos no ninho ou o mel nas colmeias; se vos aprisionam em gaiolas os cantores e em jaulas os que sabem defender-se; se vos jungem ás carroças, a carros pesadissimos, á canga dos arados; se vos furam o focinho para metter argolas dolorosas; se vos enfreiam a boca de ferros crueis; se vos caçam no mar a harpão de aço e na terra a balas explosivas; se penduram nos açougues a carne dos vossos cadaveres; se vos invadem todos os dominios, e vos incendeiam os campos, e vos innundam as mattas, e vos seccam as aguas, e vos drenam os pantanos — é elle que o faz. Elle, o macaco glabro, o rei por machiavelice da má intelligencia. Elle, o cultor consciente da arte da dôr.

Em toda a parte está elle como o proprio mal incarnado, matando, esfolando, torturando, sa-

queando, desnaturando, perturbando a harmonia das coisas.

Em proveito proprio, ao menos?

Oh, não!

E não porque a maior victima do homem inda é o proprio homem. Lobo de si proprio, Torquemada dos seus proprios filhinhos innocentes, o homem é Prometheu roendo com seus proprios dentes o proprio figado.

Que esperar, pois da realeza d'um calceta d'esta marca?

Animaes todos da Terra, basta de submissão! Uni-vos!

L U V A S !

QUANDO Deus, de mangas arregaçadas, emprehendeu a tarefa de organizar o mundo, o que existia era o cahos. Todas as coisas já estavam nelle, mas ás tontas, no desarranjo d'um immenso deposito de mercadorias "empasteladas". A obra da creação foi simples obra de ordem e harmonia. Jehovah, pegando rios, lagos, montanhas, planicies, ia-os dispondo sobre a crosta núa, ao sabor d'um plano de geo-esthetica preestabelecido. Feito o que, cuidou do aformoseamento.

Havia em certo ponto uma grande reserva de coisas lindas. Montão cahotico de maravilhas, museu das mais bellas aguas, das mais bellas pedras, despejo desordenado d'uma cornucopia de fada, era alli o Grande Almoxarifado das Bellezas Naturaes, d'onde Jehovah ia tirando mara-

vilhas para alindar as regiões recem-geographadas.

O deposito, porém, era inesgotavel e, por mais primores que fornecesse ao insigne presepista, permaneceu quasi intacto após sete dias de requisições continuas.

Estudos posteriores conseguiram localizar a séde do Grande Almoxarifado. Situava-se, ninguem mais o discute, onde é hoje o Rio de Janeiro.

Mas as outras regiões prejudicadas no rateio reclamaram contra a injusta distribuição, e Jehovah, Summa Diplomacia, resolveu o problema de uma forma engenhosa. Ponho lá, disse elle ás reclamantes, um povo fechado aos encantos da natureza e, por mãos desse povo, o excesso de que vocês se queixam minguará dia a dia.

O dito, o feito. Jehovah povoou o Rio com os elementos mais aptos para corrigir o seu erro, e os homens escolhidos trabalharam como Brennos, sem um momento de folga, na obra de provar que Deus é tambem a Summa Psychologia.

A tarefa, entretanto, era ingente. Cansou a mão de Deus e está cansando a munheca do homem. Por mais que este faça o Rio continúa a denunciar que foi a séde do Grande Almoxarifado. O Pão de Assucar persiste. O Corcovado insiste. A Tijuca resiste. A Gavea subsiste. E, embora feio, visto nos detalhes afeiantes com que o homem pacientemente o desfeia, olhado dos altos, em conjunto, no agrupamento das massas, o Rio é e ha de ser sempre a prova esplendida de que a Summa Equidade alli claudicou.

O carioca não dá o devido apreço ao quadro, já porque faz parte integrante d'elle, como animação que é da paizagem, já porque soffre da saturação da belleza. Criado naquelle ambiente, affeito desde menino á irradiação da belleza, callejou-se, offuscou-se e adquiriu o habito de olhar sem ver. Quem chega de fóra, porem, das terras lesadas pelo erro de dosagem do Supremo Paizagista, esse deslumbra-se e leva na retina, estampado para sempre, o deslumbramento, como leva

nalma uma ponta de revolta contra a diplomacia divina.

Porque, se caisse no Rio um povo dotado de senso esthetico, como foi o grego, como são os do norte da Europa, e se á obra da natureza se sommasse a obra do homem, o Rio seria o Eden restaurado, a sala de visitas do mundo, o ponto forçado do turismo universal.

Dá vertigens sonhar, dentro d'aquella paizagem, uma architectura que a realçasse, que fosse a mesma paizagem continuada, projectada artificialmente em linhas e massas de suprema harmonia.

Em vez disso: outróra, o casarão, o horrendo chalé, a gaiola com batentes de granito; e hoje, o carnavalesco fandango dos estylos exoticos, mourisco alli, assyrio aqui, coisa nenhuma acolá, Elixir de Nogueira adeante...

Apesar disso o Rio é o Rio, cidade do sonho e maravilha incomparavel. E o será, talvez, *ab-eterno*. Por mais que o microbio *neoformans*, empenhado na faina de quebrar o brilho ao sol, ataque, morda, corrôa a paizagem, um aspecto

subsistirá sempre, e bastará elle para assegurar o primado da belleza: — o relevo do solo, essas pedras gigantescas, unicas no mundo, esses morros sem par, joias inestimaveis, sufficientes, um só em cada cidade, para encher de orgulho seus habitantes.

Mas até contra o morro investe o *neoformans*. Já arrasou alguns, e traz sempre de olho o morro dos morros, o pae de todos, o morro sagrado que deveria ser a nossa Acropole.

Alli no morro do Castello nasceu a cidade, ergueu-se a primeira egreja, funccionou o primeiro collegio, enterrou-se Estacio, o fundador. D'alli partiu a mancha de azeite que, insinuada encostas acima e valles afóra, creou o urbanismo mais pittoresco jamais surgido sobre a terra. Além desta funcção genitriz, de si bastante para sagrar a collina, o morro do Castello, justamente pelo abandono em que o deixaram e pela visinhança com a Avenida, é a perola maior do maravilhoso collar de perolas carioca.

Anachronismo vivo, D. João VI paredes meias

com Epitacio, seculo dezeseis entreaberto á curiosidade do seculo vinte, sobrevivencia fossilizada de éras para sempre perdidas, é um ancião de barbas brancas, de cócoras á beira-mar, rememorando o muito que já lhe passou deante dos olhos.

Mas triste. Sabe que os homens de hoje estão voltando a certas praxes aymorés, e receia que lhe façam a elle o que fazia aos paes inutilizados pela velhice a mocidade de tanga: que o matem e comam. Ouve sempre cochichos conspirativos nos quaes um estribilho sôa insistente: "Precisamos arrasar o morro do Castello!" Sente-se condemnado, como a arvore secular que caiu nas unhas d'um vendedor de lenha, preoccupadissimo com o calculo das carradas provaveis. Percebe que virou negocio, que o verdadeiro tesouro occulto em suas entranhas não é a imagem de ouro macisso de S. Ignacio e sim o panamá do seu arrasamento. E desconfia que seu fim está proximo.

Os homens de hoje são negocistas sem alma. Querem dinheiro. Para obtel-o venderão tudo, venderiam até a alma, se a tivessem. Como póde

elle, pois, resistir á maré, se suas credenciaes — velhice, belleza, pittoresco, historicidade — não são valores da cotação na bolsa?

Conforme-se o velho morro sagrado e com elle os abencerragens do contemplativismo esthetico: está decretada a sua extirpação. Mais dia, menos dia, a picareta lavrará suas entranhas, e em seu logar se estabelecerá mais um nucleo d'esses açougues onde o senhorio risonho esfola a rez inquilina. Estão elles, os senhorios, a sonhar nas luvas de ouro incubadas alli dento. Quantas! Que gordas pepineiras! Que negociatas de esfregar as mãos o raio do morro, quando arrasado, lhes proporcionará!

Ora, o mundo não é dirigido nem por philosophos nem por esthetas. Condul-o a mão pegajosa do vendeiro mal cheiroso que enriqueceu na cebola e acabou conde. Elle compra. Elle paga. Elle suborna. Elle é immensamente estupido. Reze, pois, o morro do Castello suas ultimas orações, entregue a alma a Deus e prepare-se para gemer na agonia final aos golpes da picareta. Não ha

forças humanas que o salvem. Os homens de hoje são filhos dos antigos prepostos de Jehovah, e tão incansaveis como os paes na faina de lhe corrigir o famoso erro de dosagem.

Além disso, está provado que ha tesouros alli dentro: luvas!

DRAMAS DA CRUELDADE

ESTUDOU Euclydes da Cunha um dos dramas da nossa crueldade. Os outros — que os temos em numero maior do que se suppõe — jazem em branco, á espera de novos Euclydes, sufficientemente corajosos e sufficientemente artistas para fixal-os em obra de verdade e arte.

No geral esses dramas permanecem ignorados do paiz. Mortos os actores, dispersos como grãos de areia os assistentes eventuaes, reduzida a voz das victimas a debeis cochichos, restam d'elles, nos archivos do Estado, relatorios insulsos, tão soporiferos quão mentirosos. E ahi irá a historia, mais tarde, beber informes para a estylização, para a moedagem corrente dos factos, assentando um tijolo mais no edificio de mentira inconsciente que ella é.

Sem a intervenção da arte é impossivel trans-

mittir aos posteros a sensação exacta do que se passou. Só a arte sabe perpetuar o que foi vida. Canudos teve a sorte de topar em seu caminho um estylo a serviço de uma consciencia. Não fôra isso, e lá estaria hoje reduzido á mentiralha de encommenda d'um relatorio tendencioso, apologetico para o vencedor, capaz de metter na historia, como heroes, a gente que Euclydes atou ao pelourinho.

Assim Manzoni e Boccacio legaram-nos a visão exacta das pestes de Milão e Florença. Não fôssem elles, e quem se recordaria hoje d'essas calamidades? Os relatorios em que foram "mentidas", onde param?

O relatorio é um mal chronico. E' a propria velhacaria humana transfeita em calhamaço. O meio de neutralizal-os é um só: contrapôr-lhes Euclydes.

Infelizmente os Euclydes são raros, e centenas de dramas se desenrolam antes que surja um.

Tivemos, depois de Canudos, uma *reprise* da peça no Contestado. As mesmas origens: beati-

ce e ignorancia; a mesma replica: farda e incomprehensão; o mesmo desfecho: crueldade e covardia. A mesma apotheose: relatorios. Não surgiu, porém, o Euclydes, e o paiz ignora esse novo drama, que não será o ultimo.

Que não será o ultimo porque as causas persistem. O littoral cada vez mais encurrala o sertão, especializando-se em incomprehensão á medida que este se especializa em cangaço e ignorancia. O becco é sem saida.

A Republica, feita para uso e goso de uma mediocracia rapinante, não resolve problemas sociaes. Digere. Joga pocker. Percebe porcentagens. Não lhe sobram olhos para ver em Canudos, no Contestado, na permanencia do cangaço nortista, nas agitações da Bahia, o tremendo mal estar de uma pobre sub-raça em via de eliminação, mas capaz de muito no dia em tiver chefes.

Vêm-nos á penna estas considerações, lendo no livro de Chrispim Mira o capitulo relativo á revolução sulista no tempo de Floriano. E' outro

drama de estupidez e crueldade que não foi escripto, pois até aqui sobre elle tem-se apenas mentido.

Que horrorosa calamidade foi aquillo! Como nos degradou, revelando aspectos repellentes da ruindade humana!

Por isso mesmo, diz Mira, que a revolução não teve um criterio claro a oriental-a, aconteceu o que era inevitavel: desenfreamento das mais baixas paixões da besta humana, mal acalmada por uma casquinha de cultura moral. E uma onda de calamidades rolou sobre a terra catharinense, norteada pelo fio do espadagão caudilhesco, subvertendo a ordem, e levando aos campos e ás cidades a miseria, a dor, a deshonra, o luto. Desgraçados os que caíam no desfavor das facções! Não tardava surgir-lhes pela frente bandos de cavallarianos de bombacha, ou vestidos á legalista, que arrombavam, saqueavam, assassinavam, violavam meninas em frente aos paes amarrados a moirões de cerca. Ninguem escapava a esse cruel destino. Por mais

que respeitaveis familias se conservassem estranhas á facciosidade politica, a qualquer momento irrompiam-lhes casa a dentro individuos patibulares, portadores de intimações e exigencias odiosas. E o remedio era submetterem-se, sem um protesto, porque o facão alli estava, de fio prompto para decidir summariamente tudo.

Imperavam por toda a parte as creaturas más por temperamento e de caracter infame, o ladrão o proxeneta, o delator, o traiçoeiro — essas resurreições ascorosas d'aquelles romanos pustulentos do tempo de Nero. Capazes de todas as infamias, o momento era d'elles, porque, do alto, só se exigia do homem uma coisa: servilismo.

A espionagem alastrou-se pavorosamente. Em cada fechadura um ouvido se postava. Havia o sadismo da delação. Chegou ella a ponto que o proprio Floriano se revoltou um dia. Um capacho politico insinuava coisas desairosas relativas a Saldanha da Gama, quando o marechal o interrompeu:

— Cale-se. Saldanha é um marinheiro que

honra o Brasil. E um homem de linha. Não calumnia nem bajula. Prefiro adversarios assim a amigos aulicos, instrumentos da propria inferioridade e advogados das proprias ambições.

Se Floriano agia assim — e nem sempre agiu assim — seus asseclas só se guiavam pela voz do delator. Por esse motivo a lucta do sul constitue, talvez, a mais horripilante mancha da nossa historia. A delação fez mais victimas do que a idéa. Vidas preciosas foram ceifadas sem que de nenhum modo o crime aproveitasse aos interesses das facções.

E os requintes de perversidade em que refocilava o odio! Não bastava matar. Era mister torturar. E lá iam os prisoneiros de mãos algemadas, puxados a laço pelo pescoço. Se caiam, vencidos pelo cansaço, vinha o infamante chicote erguel-os. A outros obrigavam a atravessar fogueiras, ou a engulir excrementos humanos, quando os não suppliciavam á maneira da Santissima Inquisição, cortando-lhes as carnes, aos pedacinhos, durante dias.

Felizes os que caiam sob a degolla! Porque a degolla chegou a ser acto de clemencia... Era commum os chefes — gente que hoje dá nome a ruas — esquentarem o carrasco com uns goles de pinga e mandarem-no *divertir-se* com o *lambisa* ou o *maragato*. E lá ia elle, a rir, chapéo para trás, alisando o facão, em procura do prisioneiro manietado. Começava com chufas, e um pontaço para espertal-o. Se a victima pedia a degolla rapida, o infame replicava que tivesse paciencia, que "primeiro era preciso botar fóra o sangue ruim." E, á sua frente, boleando o facão em movimentos de esgrima, cortava-lhe uma orelha. Parava. Ria-se. Cortava outra, decepava o nariz, ablaqueava os labios de modo a deixar os dentes á mostra. E ria-se ante as visagens horrendas do martyrizado. Chamava companheiros para ver que boneco engraçado estava esculpindo o facão. E continuava, golpe aqui, golpe alli, corta este, aquelle musculo, até paralysar todos os movimentos da cara. Como a caveira escarnada ainda geme, mette-lhe a ponta do facão na

bocca e atora-lhe a lingua. E ri-se. Por fim, farto como uma hyena, degolla-a...

Nos fuzilamentos o processo era mais humano. Concediam ás victimas o direito de vendar os olhos...

"Houve uma ilha, diz Mira, provida d'uma fortaleza, para onde um coronel epileptico, já execrado pelas gerações e ignominiosamente fixado pela historia, mandava, ás dezenas, nos seus rompantes de paranoico, para serem passados pelo fuzil, prestimosos cidadãos cujas familias os choram ainda." D'uma feita, quando um cavalheiro de barbas brancas ia ser espingardeado, o filho, tambem prisioneiro, atirou-se-lhe aos braços, em doloroso amplexo de despedida. Mas o commandante da escolta ordenou incontinenti:

— Façam fogo nesses sujeitos.

Esses "sujeitos" eram o venerando barão de Batovy e o seu filho, dr. Gama d'Eça."

Os autores d'estas barbaridades tiveram um castigo *sui generis*: dar o nome ás principaes ruas

das nossas principaes cidades. Chrispim Mira esqueceu de completar com esta observação a pagina vibrante onde estigmatiza aquelle rosario de crimes. Este detalhe, no entanto, é o mais precioso de todos, pois completa o quadro e faz-nos comprehender a mentira viva que somos. Mentimos aos posteros alçando á categoria de heroes carrascos que mentiram a todas as leis da justiça e da humanidade. Depois, para desencargo de consciencia, á primeira opportunidade que surja, mentimos de novo deflagrando nossa indignação contra os barbaros da Allemanha...

DIALECTO CAIPIRA

SOB este titulo modesto acaba Amadeu Amaral de compor a primeira grammatica da lingua brasileira.

Expliquemo-nos.

A grande arvore da lingua latina, que circumstancias felizes fizeram viçar ao bafejo das brisas mediterraneas, depois de completo um glorioso cyclo biologico, morreu como morrem arvores — escasqueada, parasitada, lenhada e afinal derrubada pelo barbaro a manejar inconscientemente o machado da evolução.

Mas como arvore que era, morreu perpetuando a especie nas filhas — esses frondosos alporques que constituem hoje a familia neo-latina.

Bella irmandade! Quatro irmans opulentas de tesouros literarios, como a lusa, a italiana, a

franceza a hespanhola e uma outra, humildezinha, entalada no "frége" dos Balkans — a rumena. E todas bem enseivadas, ricas, capazes de a seu turno reflorirem em prole magnifica de que sahirão as netas da lingua latina.

Cá entre nós já vemos grulhar a netinha numero um, sub-variedade da variedade portugueza. E' a lingua da terra, a lingua geral destes vinte e cinco milhões de creaturas que somos.

Coexiste em nosso territorio ao lado da lingua-mãe e official, a portugueza. Humilde criança da roça, gerada no seio da arraia-miuda dos campos e do povinho humilde e soffredor das cidades, negaram-lhe pão e agua os magnates cortezanescos que fazem roda de peru' em torno á rainha metropolitana.

Não obstante a menina cresce, conchegada com amor ao seio do povo. Já é ella, a neta, e não a avó erudita, quem satisfaz ás necessidades de intercambio mental dos roceiros, das patuléas urbanas e dos literatos que se dirigem ás massas e não as "elites" gommosas. Nella é que o sertane-

jo ama, o gaúcho bravateia, o retirante chora, o seringueiro lamenta-se, o vaqueiro descanta, o cafageste pernostíca. Tem já poetas embelecados pelas suas graças nascentes, e adoradores prosistas, doidos pelo seu linguajar langue, ingenuo, expressivo e vivamente impregnado da côr, do som, do cheiro, do ité, do agreste da terra brasileira.

Crescerá essa menina, far-se-á moça e mulher e sentar-se-á um dia no throno ora occupado por sua empertigada e conspicua mãe. Imperará no Brasil inteiro — não como hoje, ás occultas e medrosamente, mas ás claras, de justiça e de direito; não na lingua falada, apenas, mas na falada, na escripta e na erudita. E a velha lingua-mãe, que cá vige mas não viça, abdicará de vez na filha espuria que hoje renega, e desconhece, e insulta como corruptora da pureza importada.

Cem annos levará isto? Que importa! Cem, duzentos, quinhentos — isso é nada na vida de um povo.

E sinházinha Brasilina não tem pressa. Me-

nina descançadota, meio "mãe da vida", ella não olha para o tempo e, despreoccupada, folga e ri, de pé no chão, á beira dos córgos, pelas vendolas de estrada, nos casebres de sopapo, nos sambas, nos catiras, nas farras, na peraltagem infantil das ruas. Convive apenas com o povinho miudo. Fóge, acanhada, dos grandes, em cujo olhar severo só vê censuras e desprezo.

Tem namorados. Cornelio Pires é um. Valdomiro Silveira é outro. Com elles abre o coração e entremostra o ouro que lhe vae dentro.

Gosta ainda de sapatear quando o Catullo lhe sapéca o pinho choroso. Mas apesar d'estas entradas fugidias no grande palco, a arisca Brasilina permanece roceira, e só nos campos reina, qual nympha selvagem — pés nús, vento nos cabellos, sol nas faces.

Era assim. Mas hoje Brasilina está séria, de testa franzida. Veiu perturbar-lhe o sossego da vida um homem, seu desconhecido, cuja attitude a surprehende.

Amadeu Amaral, em vez de lhe sussurrar pa-

lavras de amor ou desferir descantes de viola, estuda-a. E Brasilina, tomada a sério pela primeira vez, escolhida de improvso por um artista de renome que a quer retratar com fidelidade, entrepara, acanhadinha, de pé atrás e dedo na bocca. E Amadeu assim a esboça, dos pés a cabeça, em traços firmes, num carvão claro-escuresco que marcará entre nós o inicio d'uma phase nova de estudos linguisticos — e esta fecundissima, verão.

Até aqui a nossa philologia se limitava a byzantinar sobre as verrugas da lingua-mãe, mexericando com classicos, fossando, como bacora, pulverulentos alfarrabios reinóes.

Surgia a polemica esteril. Candido de Figueiredo intervinha de lá com a palmatoria; os grammaticos menores — que os ha pelo interior como carrapatos — assanhavam-se; e o ponto debatido, em vez de esclarecer-se, ficava como novello que gato brincou.

O estudo unico em materia philologica que nos cumpria fazer, não o faziamos. Era esse da lin-

gua nova, a lingua que ao paiz inteiro interessa: o estudo, o retrato fiel da Brasilina arisca que attende ás necessidades de expressão dos 25 milhões de jécas que somos.

Porque, estranha contradicção! falamos á moda de Brasilina, mas escrevemos á moda de dona Manuela, por falta de coragem ou medo ao bolo da ferula portugueza.

Esse estudo, tão reclamado, Amadeu Amaral superiormente o realizou. Seu "Dialecto Caipipira" vale por chave de ouro a abrir as portas de um mundo inedito. E' o começo da grammaticação de uma lingua nova, neta da lingua de Horacio.

Elle traz pela mão, honestamente, a caipirinha dialectal paulista e a apresenta ao paiz:

— Está aqui o pingo d'agua arisco que vae ser o diamante de amanhã. Exponho-a aos vossos olhos, núazinha em pêlo, envergonhada e humilde como a apanhei reinando á beira dos córgos. Apanhei-a como o O. F. apanha borboletas: sem lhes tocar nas asas para que ne-

nhuma falripa do irisado se perca. Está pura e intacta como se surgisse de um banho matinal no ribeirão.

Estudei-a sob todos os aspectos.

O phonetico, ennunciando as alterações normaes dos phonemas a as modificações isoladas. O lexicologico, dizendo dos elementos lusos, archaicos na fórma ou no sentido, com que se enfeita; dos elementos indigenas que assimilou, dos africanos e das elaborações pessoaes — deliciosa creação de fino valor expressivo. O morphologico, dando a formação das palavras, as maluqueiras teratologicas, as flexões de gráu e verbo e o modo todo seu de resolver a questão dos pronomes. O syntactico, reunindo factos relativos ao sujeito, ao pronome como objectivo directo, ás modalidades da negativa e á maneira de circumstanciar o tempo, o espaço e a causa.

Em seguida organizei um vocabulario onde desfio o rosario inteiro de palavras que ella creou, resuscitou, symbolizou e modificou — ou corrom-

peu, como querem os moralistas vestidos na pelle dos philologos.

Aqui tendes a minha contribuição. Juro pela fidelidade de esboço — que assim foi que a vi, á lingua nova, brincando menineira em terras de S. Paulo. Façam outros o mesmo. Retratem-na com este carinho, ao norte, ao sul, ao centro — honestamente, sem retoques.

Porque Brasilina é voluvel. Traja-se de gaúcha nos pampas, de vaqueira no centro, de seringueira na Amazonia, e só a teremos estudada de modo integral, nas graças corporaes e na psychologia, quando lhe photographarmos todas as variantes. Só esse trabalho collectivo nos permittirá a posse do diamante bruto que por ahi rola nas mãos callejadas do poviléo. Feito isto é lapidal-o na ourivesaria da rima e da prosa e teremos creado a lingua nova que no futuro falarão cem ou duzentos milhões de homens.

E' isto que nos diz o livrinho modesto de Amadeu Amaral, o Fernão Lopes da grammaticologia brasileira.

Seu "Dialecto Caipira" assanhará as tartarugas philologi-perobas, como obra impia que dá honras de cidade á "corrupção".

Esses carunchos sob fórma humana pertencem a fáuna cadaverica. Só se sentem á vontade quando a questão é de necropsia. Em se tratando de arrastar a asa a uma rapariga viva, de carne morena e quente, persignam-se como fradalhões hypocritas e gritam, fugindo ás arrecúas:

— Peccado! Peccado!...

OS LIVROS FUNDAMENTAES

O filhote vespertino do *Estado de S. Paulo* abriu nas livrarias um inquerito afim de apurar o que entre nós se lê.

Taes inqueritos são por natureza deficientes, e velhacos, intervindo para vicial-os não só a maroteira dos negociantes como ainda a sympathia dos promotores. Além d'isso, não provam de facto o que se lê, senão, e apenas, o que se compra.

Entre comprar livros e lel-os vae alguma differença. Muita gente adquire os "Ensaios" de Montaigne para enfeitar a estante; mas só lê o fescenino Alfredo Gallis. Outros ornamentam a bibliotheca de Taine, Spencer, Mommsen, Nietzsche, W. James, Maeterlinck, Eschylo, Platão. Entretanto, á cabeceira da cama, só lhes vereis o velho Dumas ou o moderno Nick-Carter. De modo que taes inqueritos erram de objectivo

e tomam a nuvem por Juno, como se dizia nos saudosos tempos das imagens gregas.

Cumpre ainda distinguir o que lêem os trezentos de Gedeão do escól nacional, do que lê a massa, os 99 % do paiz.

O escól lê o seu Anatole France, o seu Maupassant, o seu Maeterlinck, o seu Rostand, o seu d'Annunziozinho. E' cosmopolita, e se lhe tomardes as medidas psychometricas vereis que nada o distingue da *élite* de toda a parte.

A cultura uniformiza os cerebros, e tral-os moldados pela mesma fôrma — na França, aqui, ou na Indo-China. O escól não possue individualidade marcada, nem a coragem do gosto pessoal. Rege-o em toda a parte o mesmo codigo de snobismo. Quando surgiu Bergson em França, os escóes do mundo inteiro se fizeram bergsonianos. Zelosos do bom tom, vestem o cerebro pelo figurino do dia, e usam um poeta, um romancista, um philosopho do mesmo modo e pelas mesmas razões que usam certo nó de gravata ou tal moda de chapéo.

O povo, não.

O povo tem a coragem da sua honrada estupidez. Veste-se como quer, e lê o que lhe sabe.

Entre nós, por exemplo, é facilimo sériar as leituras que conformam a mentalidade do povo.

O menino aprende a ler na escola e lê, em aula, á força, os horrorosos livros de leitura didactica que os industriaes do genero impingem nos governos. Coisas soporiferas, leituras civicas, fastidiosas patriotices, Tiradentes, bandeirantes, Henrique Dias, etc. Aprende assim a detestar a patria, synonymo de séca, e a considerar a leitura como um instrumento de supplicio.

A patria pedagogica, as coisas da patria pedagogicada, a ininterrupta amolação d'uma patria de encommenda, empedagogada em estylo melodramatico, e embutida a martello num cerebro pueril que sonha acordado e, fundamente imaginativo, só pede ficção, contos de fada, historia de anõezinhos maravilhosos, "mil e uma noites" em summa, apenas consegue uma coisa: fazer considerar a abstracção "patria" como um cas-

tigo da peior especie. Mais tarde — possam elles! — e estão vendendo, estão trahindo, por espirito de vingança, essa patria desagradavel, maçadora, sécante que lhes encrúou os melhores dias infantis.

Além disso, sae o menino da escola com esta noção curiosissima, embora logica: a leitura é um mal; o livro, um inimigo; não ler coisa alguma é o maior encanto da existencia.

Acontece, todavia, que o diabo as arma, e um bello dia lhe cae nas mãos um livro prohibido, *Thereza, a philosopha*, por exemplo. O menino abre-o, por acaso, enfastiado de antemão.

— Já sei. E' aquella seringação do Tiradentes...

E lê, displicente, uma linha. Lê, mais interessado, a segunda, Lê uma outra, com o sangue já a alvoroçar-se nas veias, e corre a esconder-se para que ninguem lhe perturbe a leitura do livro inteiro.

Está salvo! Aquelle providencial livrinho ma-

tou-lhe o engulho da leitura inoculado na escola pela pedagogia sôrna. O menino aprendeu no livro de Thereza o valor da leitura; viu que a letra de forma não se limita a vehicular as estopadas bocejantes do desagradavel tempo do presidio escolar; viu que a leitura é susceptivel de interessar profundamente a imaginação; e que se ha livros peores que palmatorias, os ha, em compensação, deliciosos, como esse da boa Thereza.

E, despertado para um mundo novo, eil-o á caça de livros e a mergulhar-se em quantos encontra, á procura de pão para a libído — o pão basico, o pão fundamental do homem.

D'ahi á procura do pão do espirito, é um passo. E está salvo, está ganho para a cultura.

Annos depois, mergulhado em Spencer ou estudando em Kant a representação sensorial das coisas, si se detém para um exame de consciencia, verifica, sorrindo, que o levou áquellas altas philosophias, não o pedagogo carreteiro de pacovias sornices civicas, mas um livro prohibido,

um grande livro afinal, a *biblion* da sua formação de espirito: *Thereza, a philosopha.*

Estes são, pois, os livros fundamentaes da nossa cultura. Se temos grandes escriptores, e pensadores, e altos expoentes da vida mental, ás excellentes Therezas e aos apoplecticos fradalhões fesceninos que em livros d'esse genero enxameiam, o devemos. Sem ellas e elles, taes mentalidades conservar-se-iam em estado latente, graças ao horror á leitura adquirido na escola.

Ao lado d'esses livros basicos existem outros de menor influencia, embora fecundissimos em resultados.

Carlos Magno e os Doze Pares de França é um delles.

Não se dirige á libído, e sim ao instincto guerreiro que nos legou o troglodyta e que a civilização vem apurando através dos seculos.

A imaginação alli cabriola como potro insoffrido, liberto da baia. Aquelles heroes que fendem cabeças de mouros durante trezentas paginas a fio, o cheiro de sangue que exhala a historia, as

façanhas inauditas dos invenciveis pares de França, tudo aquillo por junto fórma um amavio inebriante, capitoso como os vinhos fortes.

E' livro formador. Desperta o gosto pela leitura e conduz á boa estrada quantos no tempo proprio lhe põem a vista em cima.

Mas o menino cresce, attinge a puberdade e entra a perturbar-se deante da mulher. Ama. A aurora do primeiro amor entumece-lhe o coração, recheia-o de sentimentos vagos, novos, nunca experimentados. E elle cae a fundo em Casimiro de Abreu. A sua virgem está lá, nos versos do poeta; é aquella mesma rolinha esquiva que se offerece e negaceia, e fugindo o fere com a flecha do Partho.

Suas tremuras, sua vermelhidão, seu enleio, seus desejos, tudo lhe traduz o poeta encantador dos dezeseis annos, esse eterno Casimiro que morreu na cruz para redimir Cherubim da tortura de sentir e não saber dizer.

As meninas, já essas vão todas a Escrich. Só

Escrich sabe o segredo de interessar a sensibilidade das nossas "meninas e moças."

Em Escrich ama-se com furor, pelos processos embriagadores do "romantismo do coração". A vida alli é uma cousa só: amor. A acção: amar. O objectivo, o fim supremo de tudo: cair nos braços do objecto amado, ou, traduzido isso na linguagem utilitaria da mulher: casar.

Mil cidadezinhas pelo interior do Brasil existem onde, em materia de leitura, de paes a filhos, gerações successivas gravitam em torno d'esse trio: Thereza, Carlos Magno, Escrich.

Thereza, sempre escondida, surge da tóca quando lhe passa ao pé um adolescente. E' a fada bôa dos quatorze annos.

Escrich vive ás claras, em cima das commodas, na gaveta dos toucadores, nos cestinhos de costuras. E' o cicerone dos corações que soletram.

Quem examinar um dos seus romanços de edição barata, verá que prodigiosa legião de olhos

— olhos verdes, azues, negros, castanhos, lindos olhos quasi todos — já lhe choram sobre as paginas amarellidas e encardidas. De cantos poidos e folhas uma a uma assignaladas com dobrinhas marcadoras da interrupção da leitura, alçam-se taes livros á categoria de entidades veneraveis, dignas do maior respeito. Sem donos, em geral, circulam de mão em mão, em emprestimos successivos, como bens pertencentes á communidade. E de tanto uso chegam a gastar-se, literalmente, como velhas notas de mil réis.

D'sto se vê que as letras nacionaes só forneceram até hoje um livro de influencia marcada na formação popular: as *Primaveras*, de Casimiro Patativa. Os mais vieram da peninsula, com a pimenta e o queijo do reino.

Só nacionalizamos, portanto, o amor — e o amor masculino, apenas.

E assim será emquanto a literatura fôr entre nós planta de estufa — desabrochada em flores

como as quer a *élite*, e emquanto a pedagogia fôr a propria arte de sécar as creanças com o didactismo civico, improprio para a idade, creando, logicamente, o irreductivel horror á leitura que caracteriza o brasileiro.

C O N D E S . . .

ERRO foi da Republica, e grande, supprimir as distincções nobiliarchicas, visto que o crachá tem suas raizes na propria natureza humana. Tanto mais rica de encantos é a vida social de um povo, quanto mais se accidenta de altibaixos, como acontece na vida natural.

A paizagem humana é, na vida natural, opulentissima de contraste. Ao lado do genio vegeta o cretino; João da Ega cruza passos com mestre Accacio; Wagner mora paredes meias com um surdo-mudo; Machiavel da sua janella sorri do infindavel desfile dos ingenuos; Antinuo traz negocios com o senhor Quasimodo; Phrynéa sorri-se de miss Leyton, essa urucáca ingleza, primeiro premio da feiúra londrina; São Francisco vive hombro a hombro com labregos ferozes, que der-

rancam a cabo de chicote miseraveis burros estropiados.

Terreno montanhosissimo. Cadeia andina onde os picos vulcanicos da intelligencia se erguem ao pé das bossorócas da estupidez; e o bom e o máo, o rico e o pobre, o virtuoso e o crapula, o puritano e o larapio, o artista e o idiota, o honesto e o cavador, os Rollos e os Ximenes, formam a mais pittoresca montanha russa de valores naturaes.

Foi, é, e será assim, porque a symphonia universal joga com milhares de notas, e todas são necessarias á maravilhosa harmonia do conjuncto.

Na ordem social tambem é assim. De tempos já sem memoria crearam-se as distincções nobiliarchicas afim de dar á paizagem social o mesmo relevo de solo que assignala a outra. D'ahi himalayas: reis, imperadores. E montes: duques, marquezes, condes. E monticulos de terra: barões, commendadores.

Mas vem a Republica e entende de revogar a natureza humana decretando a planicie geral.

Tudo raso! Nem himalayas, nem montes, nem monticulos. Apenas, para consolação de afflictos, o cupim do coronelato, o qual, por sua vez, foi supprimido tambem. De ponta a ponta um plaino sem grão de areia a quebrar a lisura da obra!...

Ingenua Republica! Falhou nisto como falhará em tudo quanto fez investindo contra pendores irresistiveis da natureza humana. Abafados, asphyxiados aqui, elles resurtem lá, sob fórmas novas, e perpetuam-se.

Assim se deu entre nós com a nobreza. Extincta por decreto, graças á incomprehensão do 15 de novembro, refloresce hoje em vergonteas magnificas. A' fauna copiosa da nobreza imperial, substitue-se a fauna moderna da nobreza arrivista. E a nossa paizagem social, planura intermina, pasto pontilhado apenas de legiões de cupins coronelicios, anima-se de novo com monticulos baronaes, montes condaes e até um pico principesco.

Em São Paulo o terreno accidenta-se rapidamente, graças á cogumelagem dos condes. Tantos

ha, que os engraxates já receiam dar de doutor a todos os freguezes.

— Doutor? Dóbre a lingua. Saiba que está aos pés do senhor conde da Mortadela!...

Que os ha em numero dia a dia maior. Negociante que abre fallencia tres vezes, começa a ser tratado com respeito.

— Que está alli, está conde, murmura o povo, fino de faro.

E como é lindo ser conde, quem enriquece numa boa negociata, ou inventa um meio inedito de "aperfeiçoar" a banha entra logo a sonhar com brazões, e lá num anno bom de saldos gordos "recebe" a commenda.

Festas, então, sumptuosas: v. exa. a granel; murmurios de inveja dos que não podem colher os maduros cachos.

Não demora muito surge um estudioso de nobiliarchia que descobre o entroncamento do marchante na alta prosapia d'um Bernardo del Carpio, d'um Assurbanipal da Assyria, d'um Rode-

rico de Hespanha ou, se o homem é modesto ou paga pouco, d'um simples Bulhão cruzado.

E rebenta logo o escudo da familia, elaborado por engenhosos Sanches de Baena, do Cambucy.

Castellos, leões de góles, veiros e contraveiros, aspas — olé! — arminhos, aguias armadas em preto, fundos jalnes, campos blaus, arruelas, gryphos, rabos de jacaré — toda a estamparia heraldica que nos legou a imaginação medieva.

Só não figuram nesses escudos as coisas prosaicas que deram origem ás respectivas nobilitações: mólhos de aletria, resteas de cebolas, pézinhos de cabra em campo blau, barriletes de banha com fundo duplo em imprimadura jalne, etc., etc. Não são heraldicos taes signos; não têm por si a força da tradição.

Não se sabe bem porque a fauna condal é a que mais depressa se multiplica. Corresponde na nobreza ao coelho entre os roedores. Talvez seja isso pelo facto de abrolhar em São Paulo mais fortunas do que em todo o resto do paiz e, por

estranho malabarismo do acaso, ser sempre nos novos ricos que se reunem qualidades merecedoras de condeficação. Graças a isso a Paulicéa offerece, numa recita lyrica, aspectos imponentes.

— Quem é aquelle, lá na primeira frisa?

— Aquelle é o conde de Banha Rancida, descendente de Carlos Martello.

— E aquell'outro, chatote?

— E' o conde da Mamona, oriundo de Pepino, o Breve.

E' lindo. Enfeita a sociedade. Pintalga de cothurnos ultra eminentes a monotona democracia chinelleira do 15 de novembro. E como em geral são uns mãos largas, em se tratando de beneficio proprio, viram arvores á cuja sombra acampam jornalistas, revisteiros, poetas, pintores — uma miuçalha lambareira que, se não vivesse dos condes, iria viver do Estado.

Assignala-se, pois, aqui, a primeira grande funcção economica da especie. O rico simples, sem commenda no peito, não exerce esta funcção

alliviadora do Estado. Possue menores os canteiros da vaidade e necessita menos pessoal adstricto á tarefa de cultival-os, e manter sempre offuscante a flamma da apotheose.

Vê-se d'isto que foi inepta a politica republicana, supprimindo uma instituição preciosa como fonte de lucro para a economia publica. Cada conde que surge são dez sanguesugas a menos no tesouro da nação. Assim, crear condes, além da renda directa que ao tesouro trazem os emolumentos da industria, é medida financeira de incalculavel alcance para alliviar o toutiço do Estado d'uma legião de parasitas. Só a economia feita com a imprensa não é coisa de desprezar. Quantas revistas, quantos jornalecos se despregam da verba secreta, logo que lhes surge pela frente um conde a gigolotar?

A lei, está provado, não consegue extinguir a cogumelagem nobiliarchica: tire, pois, partido da insopitavel vaidade humana.

E' inutil insistir nosso governo nesse tolo abstencionismo, que sempre ha de haver Estados estran-

geiros promptos, mediante arame, a lhe inutilizar as intenções egualitarias.

Além disso, ha o processo novo, genial, da auto-condecoração, em inicio ainda, mas susceptivel de enorme desenvolvimento. Com meia duzia de artigos em jornaes, bem pagos, qualquer trifallido passa a barão, a marquez, e até a principe, se quizer.

Processo novo, dissemos, mas, ai! *nihil novum!*... E' velho como tudo. O Mark-Twain brasileiro — infelizmente um Mark-Twain inedito — conta uma passagem que mostra a velhice do systema.

Um parente seu herdára de um tio-avô um legado de vinte e cinco contos, quantia de vulto naquella época de assucar a sessenta réis a libra. E, grato pela lembrança do parente morto, resolveu homenageal-o suspendendo o seu retrato a oleo em logar de honra na sala de visitas. Veiu ao Rio e encommendou a téla ao pintor Petit, o qual Petit alisou a mais macia cara de velho já-

mais sahida da palheta humana. Quando o freguez viu a obra, ficou devéras encantado.

— Lindo! disse. Parece até que está falando!...

E, embevecido, examinou minuciosamente a figura, com um ávozinho de lagrima no olho.

— Mas, objectou, é pena que esteja com o peito assim vazio... Uma commendazinha alli...

— Pois é facil, *sacré nom!* Por mais oitenta mil réis, pinto-lhe ao peito uma linda commenda da Rosa.

— Oitenta? Carete...

— E' o preço. Uma, oitenta; duas, cento e vinte...

— Pois ponha duas, da Rosa e do Cruzeiro.

O artista sapecou no peito do velho duas reluzentes commendas, tão bem pintadinhas que até pareciam verdadeiras.

E o retrato do tio-avô foi impár majestosamente na sala de visitas do grato sobrinho.

E se alguem, sabendo que o velho nunca fôra

em vida senão fazendeiro, estranhava o caso das duas commendas. . .

— Nunca soube que era commendador o seu tio Pedro. . .

— Não era, respondia, o sobrinho. Mas, você comprehende, legou-me vinte e cinco contos. Era natural que eu fosse grato para com a sua memoria. Puz-lhe uma commenda — oitenta mil réis. O pintor advertiu que duas custavam cento e vinte. Ora, você comprehende, que por mais quarenta mil réis. . .

URUGUYANA

ANDRE' Rebouças foi talvez o homem mais meticuloso do Imperio. Tudo annotava, registrava, systematizava cuidadosamente, de modo a transmittir-nos a sua vida, cinematographada dia a dia, nos copiosos volumes que compõem o seu diario. Abre-o a nota do nascimento, em Cachoeira, Bahia, 1828, quando seu illustre pae luctava contra os rebeldes da sabinada; e d'ahi, passo a passo, acompanha-o esse diario como sombra até ao fim da operosissima vida, cheia de trabalhos technicos, estudos, leituras, etc.

Tres volumes d'essa obra se referem á guerra do Paraguay.

Interessantissimos.

Annotações diarias, instantaneos photogra-

phicos, á sua leitura, hoje, homens e coisas revivem num relevo estereoscopico de resurreição.

A "Revista do Brasil" publicou excerptos d'esse diario, na parte relativa ao cerco e tomada de Uruguayana.

Uruguayana!...

Palavra sonora que suggere mil coisas distantes, apagadas já, apesar de transcorridos menos de sessenta annos da tragi-comedia de Canabarro e Estigarribia, dois hippopotamos, affins na bravura e na estupidez.

Foi de hontem a guerra do Paraguay, seus veteranos ainda vivem por ahi ao léo, ás dezenas; no entanto, parece um facto de priscas eras — tão rapidamente o Brasil evoluiu d'ahi para cá, aos pinotes.

Uruguayana está já na historia, devidamente estylizada ao agrado do paladar patriotico.

Tem isso a historia de generoso; estyliza os factos, descasca-os dos realismos dolorosos, recompõe-nos num sentido esthetico. E' o meio da humanidade poder ver-se com bons olhos...

Entre o que foi, de feito, Uruguayana e a feição pela qual temol-a hoje, vai um abysmo.

O azul das montanhas... Quem fôr amigo da belleza não queira nunca vel-o de perto. O azul é a grande mentira da natureza. E' a mentira por excellencia. E' tão mentira que não existe. Não ha azul. A montanha linda, a recortar no azul do céo o seu azul de saphira, é, de perto, aspereza, precipicio, perambeira, bossoroca, matta hispida tramada de cipós e arranha-gato. E não é azul. Nem ella, nem o céo...

Assim, a historia. Possue, como a montanha, o seu azul nitido, fulgurante, luminoso. Homens e factos, vistos á distancia que azula, despertam suaves emoções e até enthusiasmo. Se nos approximamos, ai de nós! o azul historico descóra, morre e tudo fica prosaico, colorido da grisalha suja das coisas contemporaneas.

Distancia e tempo: os dois paes do azul. Bemditos sejam, que é de abençoar tudo quanto aju-

da a crear a coisa bella que possue a vida: a mentira azul.

O diario de Rebouças, supprimindo o tempo, desfaz o azul de Uruguayana e mostra-nos esse episodio da campanha como elle o foi na realidade. As indecisões, a frouxidão, a politicagem emmaranhando-se como herva de passarinho na acção militar, a incapacidade dos chefes, a imprevisão, a falta de tudo, a desordem, o negocismo...

A resistencia dos invasores eternizava-se, menos pela efficiencia do exercito paraguayo ou pela fraqueza do nosso do que pela conveniencia da politicalha. Por fim, como sempre acontece, virou negocio, dos dois lados, prolongar a marosca.

O cerco se fazia de modo favoravel aos sitiados: com portas abertas para que se prolongasse a resistencia e se protelasse o desfecho que poria termo á pepineira. E a tal ponto chegou a desfaçatez que o imperador foi em pessoa liquidar o caso. A acção catalitica do seu alto espirito

de honestidade agiu com rapidez fulminante. Uruguayana rendeu-se.

Dos heroes d'esse feito, só Pedro II avulta com a approximação. Grande de longe, maior de perto. Azul de longe e azul de perto. Luminosa excepção á regra do azul.

Rebouças, no decurso do diario, diz varias vezes: "Só Pedro II é brasileiro". Porque aos mais achava, apenas, negociantes.

Uruguayana foi um caso typico de inopia militar.

Lopes, evidentemente louco, agarra de um exercito e lança-o, qual um dardo, ou um alfinete, no seio de um paiz immenso, de carne atonica. O dardo penetra uns centimetros e pára. Perdida a força inicial do arremesso, abre na baleia uma pequena ferida, nem benigna, nem maligna. A natureza operando, a ferida apostema, forma-se tumor e o estrepe cáe por si, de maduro. Foi esse o caso da invasão paraguaya.

Toda a agitação mavortica do "imperio son-

so", como nos chamavam os argentinos, não apressou de um dia a queda do estrepe. O tumor veio a furo no prazo certo.

Estigarribia, selvagem bronco, penetrando no Rio Grande com alguns milhares de asseclas, trouxe na bagagem o germen do desastre. Para vencel-o incruentamente bastava esperar. O bom cabo de guerra, indicado para expugnal-o, era o mesmo grande auxiliar de Fabio: o tempo. Emquanto o Imperio, convulsionado, improvisava a resistencia e o "castigo", Estigarribia vencia-se a si proprio, naquella Capua rota e faminta. E no dia em que Porto Alegre deu inicio ao assalto, não tinha mais inimigos pela frente. O exercito paraguayo não passava de um bando de maltrapilhos, ansiosos por uma coisa só: libertarem-se da disciplina e comer em paz o churrasco.

André Rebouças descreve a scena do assalto que assistiu de bordo do "Onze de Junho", um vapor fluvial. Viu a cavallaria e a infantaria brasileira caminharem sem um disparo em di-

recção da praça. Viu tremular a bandeira auri-verde no cemiterio posto a cavalleiro da cidade. E viu chegar, ás 3 horas da tarde, um official, irradiando com a grata nova da capitulação.

As nossas forças marcharam como num passeio militar, sem guardar, sequer, disposições elementares de arte bellica. A artilharia collocou-se sob o alcance da fuzilaria paraguaya. O general Flores teve a impressão de que as nossas forças caminhavam como a bandear-se para o inimigo.

Rebouças descreve Estigarribia, a quem viu a bordo.

"Alto, corpulento, muito moreno, cabellos pretos, typo geral dos homens do interior do Ceará ou Pernambuco. Demonstrava sangue-frio e segurança admiraveis; continuamente fumando, só cuidava de rehaver uns arreios de prata que estavam no "Taquary" e 6000 patacões que deixara em mãos d'um official paraguayo, ao qual escreveu uma carta. Em suas canastras, onde se contava descobrir documentos officiaes

importantissimos, "havia apenas leques, peças de seda e joias."

Pobre Estigarribia! No fundo, um homem de appetites fortes, que tinha o seu problemazinho pessoal a resolver.

Lopes, incomprehensivo, vingou-se da sua "traição" d'um modo feroz: entregando-lhe a filha á lascivia dos soldados...

E' este o ponto culminante da tragedia, e onde Lopes revelou melhor a sua *humanidade*. Porque "o proprio dos homens" é fazer o innocente pagar o crime do peccador. Dos homens e do Deus dos homens, o biblico.

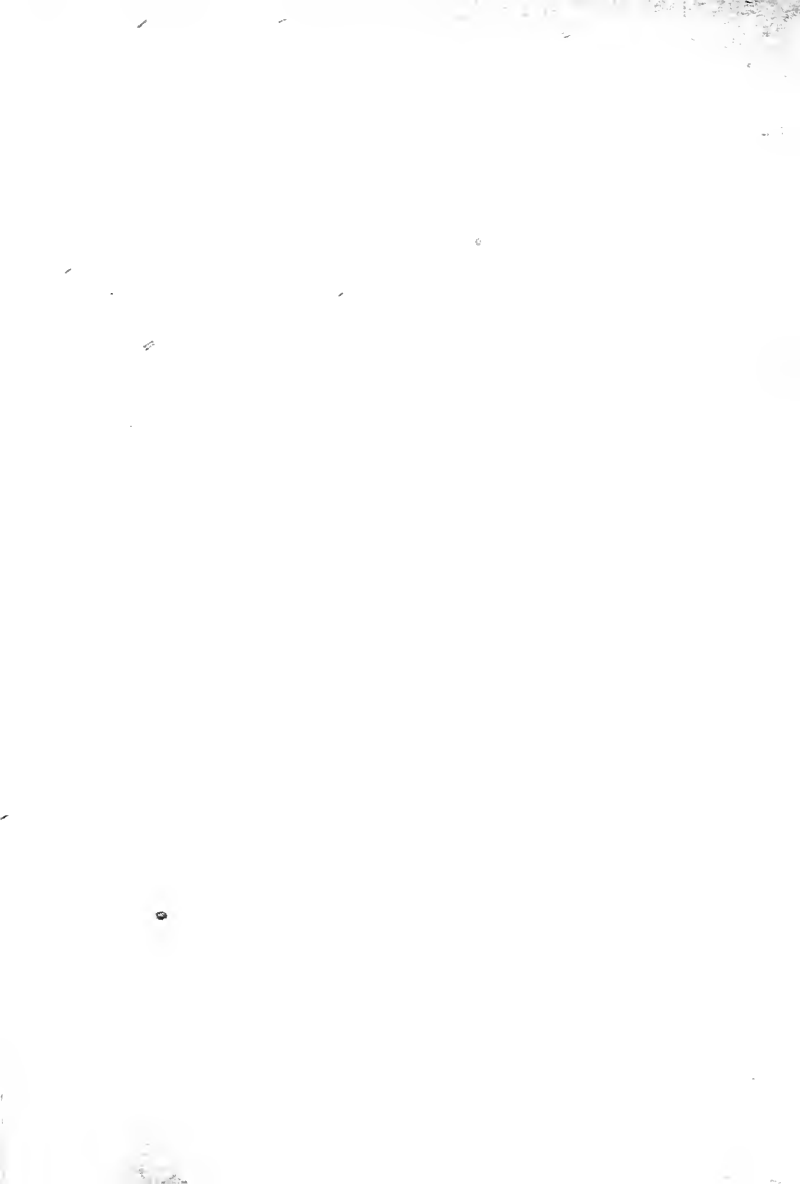
Uruguayana, caiu, pois, de madrugada; e estaria terminada a guerra se Pedro II não commettesse o erro de reincidir no erro de Lopes, invadindo-lhe os dominios. Essa invasão custou-nos rios de dinheiro e de sangue, amamentou a Argentina, e deu com a Monarchia do Brasil em terra.

Cinco annos de guerra foram sufficientes para desenvolver entre nós o germen do militarismo, o

qual, senhoreando-se da situação, fez para seu uso e goso uma Republica extemporã.

Do ponto de vista humano, bem como do ponto de vista imperial, proseguir na guerra foi um desastre. Uruguayana devera ter sido um ponto final.

O fazel-a virgula, deu com o Imperio em terra.

Que grande sciencia, na Politica, a sciencia da pontuação!

O DICCIONARIO BRASILEIRO

ASSIM como o portuguez saiu do latim, pela corrupção popular d'esta lingua, o brasileiro está saindo do portuguez. O processo formador é o mesmo: corrupção da lingua mãe. A candida ingenuidade dos grammaticos chama corromper ao que os biologistas chamam evoluir.

Acceitemos o labéo, e corrompamos de cabeça erguida o idioma luso, na certeza de estarmos a elaborar obra magnifica.

Novo ambiente, nova gente, novas coisas, novas necessidades de expressão: nova lingua.

E' risivel o esforço do carrança, curto de idéas e incomprehensivo, que deblatera contra esse phenomeno natural, e tenta paralysar a nossa elaboração linguistica em nome d'um respeito

supersticioso pelos velhos tabús portuguezes... que corromperam o latim.

A nova lingua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou ao Brasil.

Não ha documentos, mas é provavel que o primeiro brasileirismo surgisse exactamente no dia 22 de abril de 1500. E desde então não se passou dia sem que a lingua do reino não fosse na colonia infiltrada de vocabulos novos, de formação local, ou modificada na significação dos antigos.

Hoje, após 400 annos de vida, a differenciação está caracterizada de modo tão accentuado, que um camponez do Minho não comprehende nem é comprehendido por um jéca de S. Paulo ou um gaúcho do sul.

Quer. isto dizer que no povo — e a lingua é creação puramente popular — a scisão já está completa.

Nas classes cultas a differença é menor, se bem que accentuadissima, sobretudo na pronun-

cia e no emprego das palavras novas. Até archaismos lusos resuscitaram cá, e são correntes de norte a sul. Um d'elles foi tomado como brasileirismo: o emprego do pronome pessoal "elle" como complemento directo. Ora, isso é coisa velha, fórma anterior ao descobrimento do Brasil, dizem os escabichadores de antigualhas, Cintra á frente. E provam que é de uso corrente nos cancioneiros, na "Demanda do Graal", no "Amadis", etc. E citam de Fernão Lopes muito "viu ella", "nomeamos elle", etc., — de Fernão Lopes! um dos grandes paes da lingua.

Não é brasileirismo, pois, essa fórma velha e revelha. E' um lusitanismo resurrecto na colonia. Outros protestam que não, que não é archaismo resurrecto e sim forma nativa, peculiaridade das linguas indigenas faladas no Brasil pré-luzo.

O facto é que no paiz todo, na linguagem falada, o "elle" e o "ella" desbancaram o "o" e o "a", apesar da resistencia dos letrados e da resistencia da lingua escripta. Não nos consta que

algum escriptor de merito usasse, na prosa ou no verso, essa forma, embora falando familiarmente incida nella. Mas dia virá em que se romperá essa barreira, porque as correntes glossicas são irresistiveis, os grammaticos não são donos da lingua, e esta não é uma creação logica.

Verão, pois, nossos futuros netos, um Ruy, de tanta autoridade como o actual, abrir uma oração politica da mais alta importancia com esta fórma que inda choca o belletrismo de hoje: *O Brasil, senhores, amei elle o mais que pude, servi elle o que me deram as forças, etc.*

E verão um futuro Bilac lançar um "ouvir estrellas" assim:

Hontem divisei ella
na janella...

Será isso, simplesmente, a rehabilitação da fórma lusa dos pré-classicos, ou a victoria da syntaxe tupi.

Riem-se? Não é materia de riso. E' a annotação singela da marcha d'um phenomeno.

Inda nos detem hoje o medo á ferula dos grammaticos d'além mar, e de seus prepostos no Brasil.

Não obstante, a corrente do "elle" cresce dia a dia e acabará expungindo a do "o".

Além d'estas incoerciveis modificações syntacticas, temos outra feição evolutiva operada em larga escala: a adopção de palavras novas por injuncções das necessidades ambientes.

A lingua é um meio de expressão. Modifica-se sempre no sentido de augmentar o poder da expressão. A variedade de coisas novas que tivemos necessidade de expressar, num mundo novo como o Brasil, forçou no povo um surto copiosissimo de vocabulos. Elles brotam por ahi a fóra como cogumelos durante a chuva. Luctam entre si. Os fracos, os inuteis, caem, como fructos temporões, bichados antes de maduros. Os bons, os expressivos e necessarios, vencem e

ficam aquartelados na lingua. A principio, na lingua falada. Depois penetram na chamada literatura regional. Passam d'ahi aos glossarios de brasileirismos e entram, por fim, consagrados, no pantheon dos diccionarios.

A extensão do nosso territorio favoreceu grandemente o neologismo. Houve, além disso, a contribuição copiosa do indio e do negro. Ha agora a do italiano em São Paulo e a dos allemães no sul.

A maioria d'estas palavras são de absoluta necessidade. Como falar da vida amazonica sem recurso ás mil palavras de creação local? Como pintar o Rio Grande sem recorrer ao vocabulario gaúcho? E falar do Rio sem tomar as pittorescas invenções glotticas do cafageste carioca?

Ha no portuguez termos que substituam o "encrenca" e seus derivados, de creação allemã catharinense? E a "uruca", a "caguira", o "engrossamento", como enunciar a coisa com palavras do Moraes?

Sem coragem ainda de lançarmos o nosso dic-

cionario, vemol-o já em trabalhos preparatorios, a delinear-se nas obras de Romaguera, Taunay, Rohan e tantos outros collectores de regionalismos.

Virá a seu tempo. Convencer-nos-emos um dia de que, se saimos de Portugal, nada mais temos com o ex-reino, hoje tumultuosa republica. Virá, talvez, muito breve. O diccionario brasileiro já anda em elaboração. Um professor paulista, Francisco de Assis Cintra, emerito sabedor da lingua e rijamente dotado para o trabalhoso da empresa, acaba de inicial-o sob as mais intelligentes bases.

Em materia diccionaristica vivemos ainda hoje na absoluta dependencia de Portugal. Temos o que Portugal nos manda, Aulete, Vieira, Candido de Figueiredo. Este nos deu a honra insigne de incluir na sua obra boa copia de brasileirismos; os mais, entretanto, são diccionarios rigorosamente portuguezes.

Quem lê Alberto Rangel, por exemplo, o mais rico bateador de termos regionaes da nossa lite-

ratura, não tem meios de lhe comprehender o pensamento. Esbarra a cada passo com uma palavra collectada por elle e, se recorre aos diccionarios, fica na mesma.

No proprio Ruy Barbosa quantas palavras não existem que o carrança portuguez não nos deu a honra de "endiccionariar"?

Isso, porém, não é culpa d'elles, que fazem lexicos portuguezes, para seu uso, lá. A culpa é nossa, que já era tempo de termos publicado o nosso diccionario.

Pensando assim, o prof. Assis Cintra emprehendeu a obra sob as seguintes bases: eliminar do novo diccionario todas as palavras portuguezas desusadas no Brasil, já archaismos, já lusitanismos de moderna creação popular, absolutamente inuteis para as nossas necessidades expressivas.

Eliminar todas as palavras coloniaes portuguezas que atravancam os diccionarios actuaes, fazendo-os obesos.

Dar, principalmente, a significação que os vocabulos portuguezes têm aqui no Brasil, e subsidiariamente a que têm no ex-reino.

Introduzir todas as nossas creações linguisticas, as collectadas pelos glossaristas e as que andam soltas.

Fazer, em summa, o diccionario pratico de que precisa quem vive nesta terra, que já foi colonia e está custando a se convencer de que não mais o é.

Será, pois, uma obra de grande utilidade c alto alcance, porque consolidará definitivamente o scisma operado na velha lingua lusa.

Acontece hoje o seguinte: um menino abre o Aulete e procura a palavra — hein; e vê lá a pronuncia (an-e). Ri-se, está claro, e chama "âne" ao pobre Aulete.

Outro vae ao C. de Figueiredo em busca da palavra "chupim", que elle ouve todos os dias applicada a um passarinho preto que parasita o tico-tico, e, por analogia, aos "maridos" de pro-

fessoras. Não encontra. Mas encontra, por exemplo, "coloqueio", passaro africano. Cintra abrirá a gaiola ao coloqueio, pondo em seu logar o chupim. Está aquelle estafermo a empatar um poleiro precioso.

Dirão: seria melhor conservar todas as palavras portuguezas e incluir todas as nossas. Isso seria fazer uma almanjarra ineditavel, ou carissima, ao passo que o peneiramento ideado por elle alliviaria a obra das mumias inuteis que se esmirram alli, dos exotismos d'India e Angola com que nada temos que ver, daria livro maneiro, commodo, num volume só e por preço ao alcance do povo.

Acoimam o nosso pobre povo de ignorante, mas não lhe dão sequer um diccionario da sua lingua, bom e barato! Os succedaneos portuguezes que lhe indicam, sobre lhe não satisfazerem as exigencias, custam os olhos da cara, oitenta, cem mil réis.

Além d'esta novidade o prof. Cintra pretende dar o maximo rigor ás definições, approximando-

se dos grandes diccionarios estrangeiros, Webster á frente. Fugirá, assim, ás erronias que Aulete e Figueiredo increparam aos anteriores e em que incidiram, se bem que em menor escala.

Abro ao acaso este ultimo e leio: "desarvorado: — que fugiu desordenadamente". Logo: navio desarvorado: — navio que foge desordenadamente!

E são papões da lingua. Dão-nos em cima de palmatoria e ensinam-nos o que se não deve dizer, esquecidos de que não se deve dizer, sobretudo, asneiras.

Muita coisa se projecta para a commemoração da independencia. Se fôr levado a termo o Diccionario Brasileiro, nenhuma commemoração será mais significativa. Valerá por um esplendido monumento e por um grande passo na "realização" d'uma independencia "proclamada", vae fazer cem annos.

O GRANDE PROBLEMA

PELAS columnas do *Estado de S. Paulo* o sr. Cincinnato Braga escreve formosos artigos sobre os magnos problemas economicos do seu Estado natal, dá-lhe balanço ás riquezas, mostra os caminhos para uma riqueza maior e traça um programma que, em regimen de opinião, o candidataria á presidencia da Republica, pelo menos.

De facto, sae-se d'esse estudo com a certeza de que S. Paulo está rico. Só em 1919 uma exportação de milhão e meio de contos, e saldo commercial vertiginoso.

Infelizmente S. Paulo não conduz de par com os saldos economicos os saldos da sua cultura. Não progride com o synchronismo que ha mister. Endinheira-se, mais do que enriquece.

Progredir, hoje, é menos encher a caixa dos

bancos ou o pé de meia plebeu do que aperfeiçoar, cultivar o cerebro. Só esta cultura fornece indestructiveis bases economicas. Veja-se a Allemanha. Revelou-se, com a guerra, opulentissima de bens materiaes accumulados pela cultura. Vencida pela "civilização", esta organizou um saque a frio, o mais completo de quantos reza a historia. Confiscaram-lhe tudo, puzeram-na em fraldas, núa.

Mas está arruinada a Allemanha? Não! Subsiste a sua maior riqueza, a mental, representada pela cultura dos seus filhos. Riqueza de que o tratado de Versalhes não a póde expropriar. Arvore de producção indefinida. Vieiro enexgotavel. Que é arrancar os fructos á arvore se ella os possue latentes e infinitos? A cultura allemã em cincoenta, em oitenta annos — minutos na vida de um povo — refará, que farte, tudo quanto lhe pilhou a civilização.

Riqueza é cultura, e só ella.

Portugal: onde está o ouro que Portugal drenou do Brasil quando o Brasil era seu, e o que

da Africa e das Indias tirou em marfim e especiarias?

Caso typico d'um phenomeno inverso ao da Allemanha. Endinheirado té os gorgomilos, o velho reino não soube e não poude fixar em casa a bolada dos navegadores.

Papas espertos e traficantes ladinos comeram-lhe os cobres, sendo de citação forçada o caso dos milhões de cruzados que a incultura de um rei deu pelo superlativo "fidelissimo".

Finda a maré, passado o fluxo da sorte grande, Portugal tombou no marasmo, arruinado, dando logar áquella pagina tremenda de Ramalho sobre a mendicancia lusa — mendigos todos, do rei ao porteiro de repartição.

Sem cultura não se fixa, não se perpetua a riqueza.

Entre nós, a Amazonia viu canalizar-se para seu bolso um Pactolo de esterlinas refulgentes. Mas o ouro entrou por uma porta e saiu por outra, como a vacca amarella. Não havia cultura;

não houve progresso, e o vagalhão deixou após si apenas a sulsugem.

Em S. Paulo será assim, se debaixo da riqueza cafeeira não se construirem os alicerces que lhe darão fixidez e estabilidade.

Corre-nos hoje tudo á feição. O café continúa, magico, a borbotar golphões do ex-vil metal. Veio a geada grande, e parecia o fim de tudo. Saiu-nos, entretanto, um *royal flush*: a parada ganha foi de um milhão de contos.

Mas no dia da crise? Quando o Azar substituir-se á Sorte, como na Amazonia, como em Portugal, com que contaremos para contrabatel-o? Onde o dique, o remedio, o para-choques, a arvore que se não esgota — a cultura? Onde esse recurso de que a Allemanha, mais pobre que Job, forçada a entregar á "civilização" suas vaccas, seu carvão, sua potassa e seus marcos té o derradeiro pfennig, vae lançar mão para resurgir?

Vale o cerebro. D'um simples chimico sae uma

descoberta que revoluciona o mundo e enriquece um paiz.

Por artes de Edison e Marconi cream-se formidaveis industrias.

Liebig deu mais lucro á sua terra do que a victoria de 1870.

As guerras, a politica, o mexerico dos homens de Estado, o palavriado dos Lloyd Georges, dos Millerands, dos Eberts, tudo isso nada vale, que é agitação apenas; quem neste momento está creando os novos rumos da Europa, é algum humilde sabio desconhecido, lá no fundo do seu laboratorio.

Quando Bonaparte se dava á illusão de dirigir os destinos do mundo, quem de facto os dirigia era o obscuro Fulton. A obra do primeiro fica na historia como um jorro de sangue; a do segundo como a dominação dos mares.

Ora, pois, só vence, só crêa, só constitue riqueza a cultura, e em S. Paulo o que temos tido é uma serie de "boladas".

E' preciso frisar este ponto, porque só daremos passo decisivo para a frente depois de bem nos convencermos d'isto.

Infelizmente, bem longe estamos de nos convencer d'isto.

No seculo da chimica, onde a nossa escola de chimica? No seculo da technica, qual a nossa educação technica?

Persiste a lagarta rosada do bacharelismo. O estudante não estuda, "cava" a carta, o funesto diploma. Senhor d'ella, toca depois a "cavar" a vida.

Em materia do ensino superior, além do megatherio fossil do "sagrado mosteiro", onde Lobão emperra os espiritos e onde, numa modorra de cinco annos, gestam-se promotores publicos, requeredores de *habeas-corpus* e mais a parasitalha inteira de Themis, existe uma escola de engenharia com mais lentes do que alumnos; uma de medicina em inicio, e outras menores. Todas, porém, com a preoccupação de diplomar,

annelar de pedras varias os furabolos matriculados.

Casas de sciencia que apparelhem technicos maravilhosos para a industria, onde? quaes? E onde bibliothecas populares, escolas especializadas, laboratorios bem montados, collegios honestos que apetrechem para a vida os rapazes? E onde a comprehensão de que a sciencia é tudo e fóra d'ella não ha salvação?

D'ahi o perigo ante as rebordosas da sorte, e consequente programma a adoptar.

Reflexos da incultura, temol-os a cada instante.

Na politica, onde basta ser mudo, incolor, inodoro e insipido para alcançar o titulo de estadista.

Sem cultura impossivel opinião; sem opinião impossivel politica que não seja essa pyorrhéa que nos derranca, e cuja missão, no dizer d'um velho politico já morto, é desfazer de dia os passos que as coisas dão naturalmente de noite.

Da periodica incursão no governo de bandos de piratas, qual a causa? A incultura.

O dominio eterno do coronelão analphabeto, por quê? Incultura.

Se a honestidade e a competencia, inopinadamente, assumem o governo, obra é isso de méro acaso, e logo a pirataria colligada, que lhe cobreja em torno, minando-as, alcançam-lhe a successão. Por que isso? Incultura.

Na lavoura, após a geada, o desespero do agricultor pol-o em caminho novo, o algodão. Vem a lagarta e come-lhe o melhor do herculeo esforço. Por que? Incultura.

Em questão artistica damo-nos ao ridiculo de nos deixar embahir, embeiçar, embrulhar por um patarata italiano que vae metter no bolso milhares de contos em troca de um attestado em marmore passado á nossa ingenuidade esthetica. Porque? Incultura.

Inutil proseguir.

O nosso problema capital, magno por excellencia, é crear a cultura. Escolas profissionaes para

o povo, não cinco, ou dez, mas cem, uma em cada cidade.

A escola primaria ensina a ler. A profissional ensina a tirar partido da leitura. Uma sem outra é cartucho sem espingarda.

Depois, em cima, escolas technicas, escolas superiores, escolas que não dêem diplomas nem anneis, mas sciencia fecunda: — isso fará de São Paulo uma verdadeira nação moderna, tirando-lhe o caracter de Phenicia italo-brasileira, encravada numa India contemplativa, em modorra á beira do mar e dos rios.

Que legou ao mundo Carthago? Um nome. Já a Grecia, como se alicerçou na cultura, é eterna, chegou até nós, influencia-nos, ensina-nos, e levará sua vibração luminosa pelo tempo afóra até á consummação dos seculos.

Mais vale um Platão, um Aristoteles, um Eschylo que vinte grozas de condes macarronicos, emersos d'uma lata de oleo ou d'um barrilete de banha falsificada.

O nosso magno problema é, pois, o homem, o cerebro. E como a escola é que o faz e o refaz, o nosso magno problema se reduz a escolas.

Não burocraticas, não decorativas, de fachada apenas, páo e sebo com um annel no topo; mas efficientissimas, ao molde allemão ou norte-americano. Os demais problemas se solvem por si, quando o problema capital encontra solução. Em caso contrario, tudo é instabilidade, perigo, cahos, indecisão — jogo.

O progresso de São Paulo é, por emquanto, jogo feliz. Tem ganho contra tudo, governos apiratados e "pulgão branco", coronelões e "lagarta rosada".

Abriu seu caminho economico apesar da União, apesar da Republica, apesar dos seus grandes estadistas do Micomicão.

Mas póde perder, que nada vira tanto como a sorte do jogo. Diga-o a Amazonia.

Para que não perca, para que sua bandeira penetre victoriosa como a de Paes Leme no seio

da civilização, o caminho é um só: cultivar a terra roxa do cerebro paulista — esse Oeste virgem onde até agora só se semearam pergaminhos decorativos e aros de ouro com crystaes coloridos no engaste.

A GRANDE IDÉA

UMA grande idéa incuba-se numa disposição humilde escondida á cauda do art. 19 da Reforma do Ensino. Uma idéa que, desenvolvida, extinguirá rapidamente o analphabetismo entre nós. *Perceberão os professores uma gratificação addicional pela alphabetizaação que lograrem.*

Está aqui o busilis.

Basta meditarmos um momento sobre o caso para apprehendermos o alcance d'estas palavras.

Denunciam ellas o primeiro passo dado pelo Estado para a desescravização economica do professor.

Até aqui cuidava-se de tudo, menos de attender aos interesses pessoaes do professor publico. Com um ordenadinho calculado o sufficiente para não morrer de fome e não andar nú, o professor

não passava de um pobre diabo sem direito a aspirar a menor melhoria de vida.

Todo o mundo trabalha movido pela ambição do lucro; elle teria que trabalhar sem perspectiva de lucro nenhum.

O mais baixo operario traz deante dos olhos a miragem consoladora da riqueza. Póde prosperar. Póde guindar-se á cuspide dos millionarios.

O professor, não. Seus horizontes economicos trancavam-se com a ridicula muralha dos eternos 250 ou 300 mil réis mensaes, quer dizer, o feijãozinho diario e a roupinha modesta. Só, só, só. E ao cabo de trinta annos de serviço, o grande premio da aposentadoria: a mesma miseria de mil reis.

Dest'arte, ser professor era auto-condemnar-se uma creatura humana a consumir a mocidade, a edade madura e até a velhice num castigo de soldado: marcação de passo. Quem ganha toda a vida 300$000 não sae do logar, economicamente. Marca passo, de castigo.

Ora, isso matava o professor. Por mais abne-

gado que fosse — e neste mundo ninguem tem obrigação de ser abnegado — dentro de alguns annos d'essa archi-estafante tarefa de ensinar crianças, o martyr estava "estafetado". Era um homem morto, sem ideas, sem sonhos, de alma azeda, indifferente a tudo quanto se relacionasse com a pedagogia.

Essa coisa tão linda nos livros, a pedagogia, para elle era a suprema infernização. Cada novidade froebeliana, um meio novo de encanzinal-o.

Os governos nunca se lembraram de que o professor é um homem como os outros e que, como todos os homens, cada qual só tem um problema a resolver: o problemazinho pessoal da sua prosperidade economica.

Conhecem a vida de um professor do bairro? Lá está elle, a estas horas, num fundão deserto, á frente de um punhado de crianças pobrezinhas e broncas.

Sol de rachar, fóra.

Um calorão, na salinha humilde.

Pela janella aberta o martyr vê a estrada serpeando, vermelha, até sumir-se nas massas monotonas da verdura; e no céo azul, andorinhas a traçarem figuras de geometria no espaço.

Si volta os olhos, vê, pendurada a um prégo, no batente da janella, a gaiola do curió.

O professor está meditativo. Pensa na cidade, no luxo das capitaes, na riqueza dos automoveis reluzentes, nos theatros, nas coisas todas da vida "que valem a pena". Mas tudo lhe é vedado. Tem uma grilheta aos pés. O que ganha não lhe permitte economias nem para um regabofe annual nas volupias da civilização, pelas férias. E será sempre assim, aos 25, aos 30, aos 40, aos 60 annos...

Seu presente é negro; o futuro, peior, porque se resume nos mesmos magros trezentos mil réis, mais a hemorrhoida. Alli, pois, toda a vida, entre aquelles meninos desattentos...

José, o pretinho de olhos vivos, não sae do

b-a-bá. O Dicto, caboclinho opilado, é aquella modorra sem fim. Os outros todos o que querem é disparar para casa. Um está a pensar na arapuca que armou ás rolinhas. Outro remexe na algibeira as minhocas com que vai pescar.

A escola é desinteressante — bem o sabe elle... Como tambem sabe o meio de tornal-a attractiva. Mas está arrasado, neurasthenico e pouco se lhe dá que aquillo melhore ou não. Exigiria esforço, cansaço — e quem lhe paga esse esforço?

O professor boceja. Olha o curió. Perde-se em scismas a ouvil-o chilrear ao sol, sob o immenso azul do céo escaldante.

— Zézinho, vá ver se o curió tem agua. E você, Antonio, traga o livro. Que letra é esta?

— Agá.

— Não!

— E' ó.

— Não!

— E' emme.

— Não!

— E'...

— Você, seu Chiquinho, dê um quinau aqui neste camello. Que letra é esta?

— E' zê!

— Não. Adeante!

— E' enne!

— Não. Ninguem sabe? Prestem attenção: isto é o A!...

Era o "a". Ninguem ainda sabia o "a"... Que desanimo infinito...

Está aqui o que é, por dentro e por fóra, um condemnado ao "estafetamento pedagogico". *

Pois bem. Querem fazer resurgir esse automato? Nada mais facil. Basta apenas admittir que elle é um homem como todos os outros, abrindo ante seus olhos a miragem da prosperidade. Basta "interessal-o" na obra pedagogica "remunerando" o seu trabalho.

— "Terás os mesmos trezentos mil réis mensaes para o custeio do estomago e da prole. E

---

* "Um supplicio moderno", nos *Urupês*.

terás, ainda, ao fim do anno, um addicional de tanto por cabeça de analphabeto que abrires á luz."

Immediatamente sua vida se transfigura, seu futuro sorri, sua prosperidade possibiliza-se. A gratificação annual, recebida de um bloco, permittir-lhe-á a accumulação do sonhado peculio. Será em breve a casinha propria, o conforto da familia ou, quando o professor é solteiro e farrista, um regabofe em regra, pelas férias, no Rio ou em S. Paulo. Mas como essa bolada só vem em troca de meninos desanalphabetizados, elle fará prodigios para vencer a resistencia mental da jécalhada miuda. Despertar-lhe-á o gosto pela escola, tornando-a interessante; dispensará a inspecção porque o seu interesse em ensinar crianças coincidirá com o interesse do Estado; e realizará o que a obrigatoriedade não conseguiu até aqui. Irá elle proprio desencovar analphabetinhos por quanta biboca houver para matriculal-os em sua escola, conseguindo dos paes, por meios geitosos, o que não consegue a carranca da lei. Pudera!

Cada bichinho d'aquelles, vale, preparado, alphabetado, um cobre regular; e, sommados todos, um cobrão. O arranjo de sua vida ficará dependendo, pois, da sua diligencia e do seu esforço.

Na lucta moderna entre o capital e o trabalho a victoria será d'este por um accôrdo com o capital. O operario passará de escravo a socio. Participará dos lucros. Só assim, interessado pecuniariamente, trabalhará com amor.

O professor tambem só agirá de modo efficiente quando passar de escravo a interessado, quando houver proporcionalidade entre o seu esforço e a remuneração percebida.

Assim, nada mais sabio do que o artigo 19 da lei nova onde se lançam as bases da reconciliação entre o professor e o interesse publico.

Infelizmente, a timidez dos reformadore arbitrou em 5$000 por cabeça o premio ao "matador" de analphabeto.

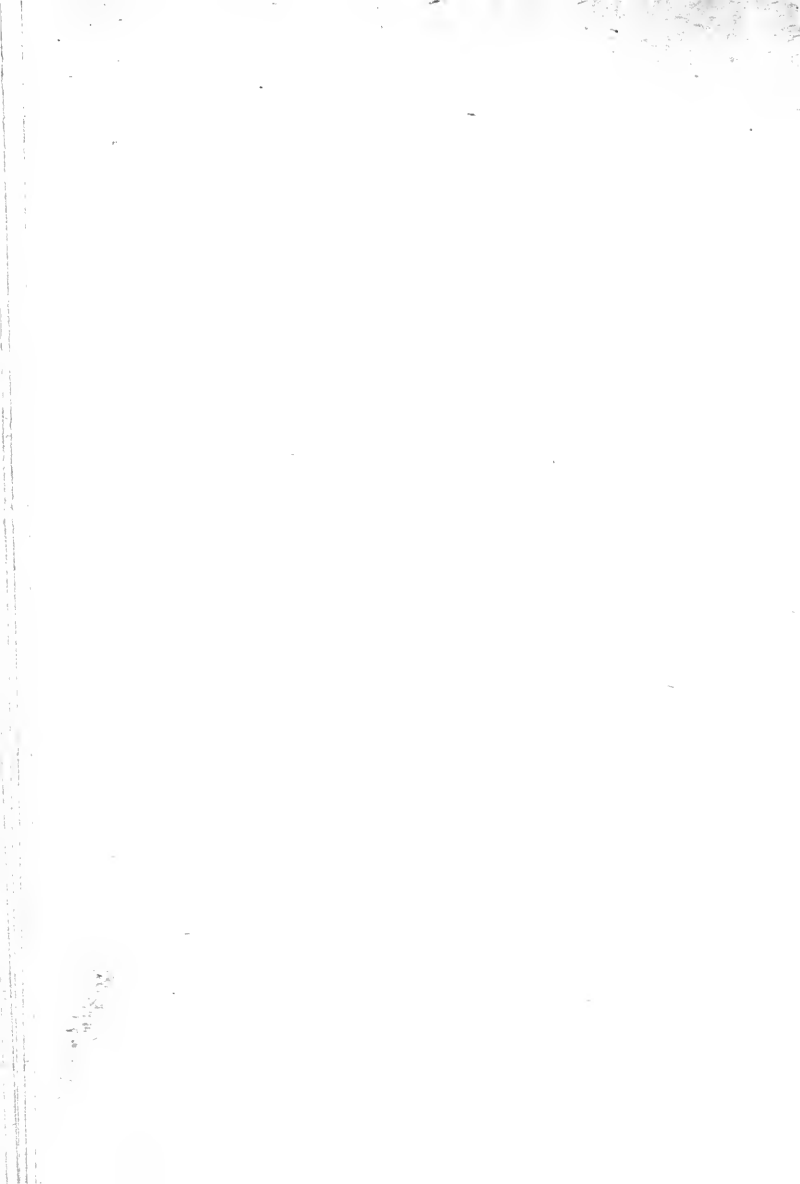
E' pouco, é nada. Devia ser de 20.000 réis

emquanto não pode ser de 50 ou 100. A 5.000 réis por cabeça, as 40 cabeças da hydra que o professor pode esfolar num anno rendem-lhe 200 mil réis. Muito pouco. Insufficiente para influir decisivamente em sua psychica.

Se foram 50$, imaginemos, seriam dois contos annuaes. Bolada, portanto. Dinheiro que já enche a mão. Achega preciosa, permissiva de que em cinco ou dez annos esteja elle, se é economico, folgado, ou, se é gastador, com a resaca de meia duzia de farras supimpas na memoria.

Renascido assim de ambição, o automato de outróra operará prodigios, e taes, que a hydra do analphabetismo dará o berro dentro de poucos annos.

Nos velhos paizes europeus, assolados pelo lobo, o meio de extinguir a fera foi pôr-lhe a premio a cabeça. Ponha-se a premio aqui a cabeça do lobo do analphabetismo e elle será perseguido té nos mais invios recessos.

O 22 DA "MARAJÓ"

ESSE delirio que por ahi vae pelo futebol tem seus fundamentos na propria natureza humana. O espectaculo da lucta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da victoria, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra. Admiramos hoje os grande philosophos gregos, Platão, Socrates, Aristoteles; seus coevos, porém, admiravam muito mais aos athletas que venciam no estadio. Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços a touros, só para nós tem menos importancia que seu mestre Pythagoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inconcebivel a idéa de que o philosopho pudesse um dia offuscar a gloria do luctador.

Em França, antes da surra homerica que lhe deu Dempsey, o homem verdadeiramente popular

era George Carpentier, mestre em sôccos de primeira classe; e se dessem nas massas um balanço sincero, veriam que elle sobrepujava em prestigio aos proprios chefes supremos vencedores da guerra.

Nos Estados Unidos ha sempre um campeão de box tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos subverter o regimen politico.

Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual milhares de creaturas, sobretudo creanças, são capazes de sacrificar a vida.

E os delirios collectivos provocados pelo embate de dois campeões em campo? Impossivel assistir-se a espectaculo mais revelador da alma humana do que o jogo de futebol em que disputam a primazia paulistanos e italianos, em S. Paulo.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas *equipes*, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da lucta, de quarenta a cincoenta mil pessoas deli-

ram, em transe, extacticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme córre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentissimas de enthusiasmo que só a palavra delirio classifica. E gente pacifica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sae fóra de si, torna-se capaz de commetter os mais horrorosos desatinos.

A lucta de vinte e duas feras no campo, transforma em feras os cincoenta mil espectadores, possibilizando um esfaqueamento mutuo, num conflicto horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco as electricidades psychicas accumuladas em cada individuo.

O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes d'elle, só nas classes medias a lucta politica tinha o prestigio necessario para uma exaltaçãozinha periodica.

E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu acclimar-se, co-

mo o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transformou-se quasi em praga, conseguindo, só elle, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente o nosso povo.

No Estado de S. Paulo não ha recanto, villoca, fazenda, bairro onde se não veja num chão plaino e batido os dois rectangulos oppostos, assignaladores d'um *ground*. Pelas regiões novas, de virgindade só agora atacada pelos invasores, é commum topar-se de subito, em plena matta, uma clareira aberta e limpa onde, nas horas de folga, os derrubadores de páo vêm bater bola.

Já assistimos a um *match* em certa fazenda. Tudo muito bem arrumado; os *players* uniformizados, de meias grossas e botinas ferradas, tal qual nos *clubs* das cidades. E falando em *corners*, *goals*, *hands*, *half-times*, a inglezia inteira dos termos technicos.

Ao nosso lado o fazendeiro explicava:

— Aquelle *goal-keeper* é carreiro; amanhã de madrugada está de pé no chão puxando lenha.

O *center-half* é madeireiro; está-me lavrando umas perobas na roça velha. Os *full-backs* são tropeiros e os *forwards*, simples puxadores de enxada.

Era assombroso! Estavamos deante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esphera de couro estufada de ar!...

Antes de futebol, só a capoeiragem conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só nas classes baixas. Teve seus periodos aureos, produziu seus Friedenreichs, e afinal acabou perseguida pela policia, com grande magua dos tradicionalistas que viam nella uma das nossas poucas coisas de legitima creação indigena.

Infelizmente não se guardou memoria escripta d'esse esporte, cujos annaes se encheram de maravilhosas proezas. Não teve poetas, não teve cantores, não teve sabios que as salvaguardassem do olvidio; e de todo o nosso rico passado de rasteiras, rabos d'arraia e soltas restam apenas ane-

cdotas esparsas, em via de se diluirem na memoria de velhos contemporaneos

Que bellos themas a nossa literatura deixa á margem, victima que é da eterna fascinação franceza!

Que se fixe, pois, em letra de fôrma, ao menos o caso do 22 da "Marajó", com tanto chiste narrado pelo maior humorista brasileiro, esse prodigioso Mark-Twain inedito que é o snr. Felinto Lopes.

O 22 da "Marajó" era um imperial marinheiro, mestre em desordens e amigo de revirar de pernas para cima kiosques de portuguezes. Rapazinho bonito, imperava na Saude onde suas proezas de capoeira excepcional andavam de bocca em bocca, discutidas como façanhas de Rolando. E taes fez que o governo, incommodado, deportou-o para o norte, a servir no Alto Amazonas em canhoneira da flotilha estacionada no Pará. A mudança de clima regenerou-o e o rapaz, resolvendo tirar partido dos seus dotes plas-

ticos, ferrou namoro com a mulher de um *ship-chandler*, da qual se tornou logo o amante.

Pouco durou o trio.

O *shipchandler* morreu e o 22 casou-se com a viuva, herdeira d'um paco de quatrocentos contos de réis. Pediu baixa, obteve-a logo e foi com a esposa em viagem de nupcias á Europa, onde permaneceu por dois annos. Ao cabo, regressou á patria, elegendo o Rio de Janeiro para residencia definitiva.

Mas quanto mudara! Transformado num perfeito *gentleman*, embasbacava a rua do Ouvidor com o seu apuro de trajes, suas polainas, suas luvas, sua cartola café-com-leite.

Quem é? Quem é? Ninguem sabia.

— Algum fidalgo, certamente, cochichavam. Não vêem que modos distinctos?

E o 22, impavido, petroneando, de monoculo no olho, a olhar de cima par os homens e as coisas...

Tinha habitos certos e todos os dias passava

pelo largo de S. Francisco, como paca pelo carreiro.

Aconteceu, porém, que alli era ponto de uma roda de rapazes chiques, fortemente despeitados ante a esmagadora elegancia do desconhecido, rival perigoso, sem duvida, em materia de esporte feminino. Os quaes rapazes, depois de muito cochicho, deliberaram quebrar a prôa ao novo concurrente, apenas aguardando para isso a bôa opportunidade.

Certa vez em que o Petronio passava mais imponente do que nunca, coincidiu approximar-se da roda chique um capoeira mordedor, que se gabava de ser mestre em "soltas".

Quem sabe hoje o que é "solta", nesta epoca de *kikes* e *shootes?* Solta era uma cabeçada sem *hands*, isto é, sem encostar a mão no adversario.

Mas o capoeira chegou e mordeu-os em cinco mil reis.

— Perfeitamente, responderam os rapazes, mas primeiro has de sapecar uma solta naquelle freguez que alli vae de monoculo!...

— E já! exclamou o capoeira, gingando o corpo. E tirando o chapéo foi postar-se na calçada por onde vinha o 22, de cartola e monoculo, sacudindo passos de *lord*, muito esticado dentro do seu *croisé* cortado em Londres.

Um, dois, tres... Quando Petronio o defrontou, o capoeira avança e despeja-lhe uma formidavel e primorosa cabeçada.

O desconhecido, porém, quebrou o corpo, e a cabeça do atacante foi de encontro á parede, ao mesmo tempo que um pé bem manejado plantava-o no chão com elegantissima rasteira. O mordedor, tonto e confuso, mal ergueu-se e já desabou de novo, cerceado por outra gentil rasteira. Passara, imprevistamente, de aggressor a aggredido e, desnorteado, deu sebo ás canelas, indo apalpar o gallo a cem passos de distancia.

Emquanto isso o Petronio, concertando a gravata com grande calma, dirigia a palavra aos moços elegantes, assombradissimos:

— Só uma besta destas dá soltas sem negaça! Já dizia o Cincinato Quebra-Louça: soltas sem

negaça só em lampeão de esquina. Se grampeasse, inda vá lá. O Trinca-Espinhas, o Estrepolia, o Zé da Gambôa e outros praxistas admittem-nas neste caso, mas isto mesmo só quando o semovente não é firme de letra.

E gyrando a bengala de unicornio entre os dedos annelados, finamente superior, concluiu, com saudades:

— Já gostei d'este divertimento. Hoje, minha posição social e o meio em que vivo não m'o permittem mais. Vejo, porém, que a arte está decaindo...

E lá se foi, imperturbavel e superior, murmurando comsigo:

— Soltas sem negaça... Forte besta!

Os elegantes, passado o momento de estupor, planearam solemne desforra. Contratariam o famoso Dente de Ouro, da Saude, para romper o baluarte e quebrar de vez a prôa ao estranho personagem.

Tudo assentado, no dia do ajuste postaram-se no carreiro, com o rompe e rasga á frente.

—E' aquelle! disseram, mal repontou ao longe a cartola clara do Petronio.

Dente de Ouro avançou feito para o desconhecido. Ao fronteal-o, porém, entrepara, e abre-se num grande sorriso palerma:

— O 22!... Você por aqui?!...

— Cala o bico moleque, e toma lá para o cigarro. Mas afasta-te, que hoje sou gente e não ando em más companhias, disse o Petronio, correndo-lhe uma pellega e seguindo caminho.

Dente de Ouro voltou para o grupo dos elegantes, alisando a nota.

— Então? perguntaram estes, desnorteados pelo imprevisto desenlace.

— 'cês 'tão bestas! Pois aquelle é o 22 da "Marajó", corpo fechado para sardinha e pé que nunca malou saque. Estrompar o 22? da "Marajó?" 'cês 'tão bestas!...

I N D I C E